

Trote Nunca Mais!

Amparada por Lei Estadual e Resolução da UNESP, campanha bane hostilidades contra calouros em toda a Universidade. Págs. 2, 3 e 16



Hélio Toth

Lançamento da campanha: Estação Vila Madalena do Metrô

Jornal da UNESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
JAN.-FEV./2000 - ANO XV - Nº 143

Operários, 1933. Tarsilo do Amaral



Brasil mestiço

Passados cinco séculos desde o Descobrimento, País mostra sua cara e aprende a conviver com a miscelânea racial.

Págs. 8 e 9

UM ESTADO GRISALHO

Hélio Toth



Com um aumento notável da expectativa de vida do homem, população de idosos cresce em velocidade vertiginosa. Págs. 4 e 5

BALAIÃO DE GATOS

Paulo Velloso

De temperamento esquivo e pouco estudado, os bichanos roubam aos cães o título de "melhor amigo do homem".

Pág. 7



Trote sem violência são outros 500

WADSON RIBEIRO e DANIEL VAZ

Com o reinício das aulas nas universidades, ressurgiu o velho temor do trote e, com ele, os acalorados debates sobre suas causas e como combatê-las. Há quem argumente que trote é sempre sinônimo de violência e há os que, como nós, entendem que a prática é um bom momento para exercitar a cidadania. O trote surgiu como iniciação acadêmica, com o aparecimento das primeiras universidades, ainda na Idade Média, e tinha a ver com o fato de os estudantes serem oriundos de países estrangeiros. A Europa era o centro intelectual da época e, se uma pessoa da Alemanha ou da França quisesse estudar Direito deveria ir para Bolonha, por exemplo, enquanto um inglês que pretendesse se formar em Teologia teria de estudar em Paris. Evidentemente, não havia entrosamento entre os jovens, que passavam a viver em regime de internato, com os incômodos da convivência forçada. Estava aberta a brecha para os rituais de integração que, não raro, abusavam da violência.

No livro *O calvário dos carecas*, história do trote estudantil, *Glauco Mattoso* conta que, em 1342, um documento oficial da Universidade de Paris tentava coibir os excessos – que se propagam até nossos dias, em atos abomináveis e extremados como a morte do calouro de Medicina da USP, no ano passado. Infelizmente, as notícias de morte de calouros em trotes no Brasil já vêm de longa data: em 1831, foi um estudante de Direito, de Olinda (PE), quatro anos após a inauguração do curso; e em 1980, um novato de Jornalismo da Universidade de Mogi das Cruzes (SP).

A despeito das críticas oficiais, algumas instituições ou autoridades européias da era medieval se beneficiavam de certos tipos de trote ou no mínimo conviviam pacificamente com eles, como na Universidade de Avignon, na França, em que um estatuto determinava que nenhum calouro seria admitido à condição de estudante sem antes pagar uma soma em dinheiro como doação para os fundos da comunidade; ou na Universidade de Aix, também francesa, em que o neófito, além de pagar a taxa à instituição, deveria custear uma festa ou banquete para o reitor, que podia fazer-se acompanhar por um aluno veterano.

Os trotes não são exclusividade universitária. Também têm lugar há séculos, e com muita força, no meio militar, onde os cadetes são submetidos a toda espécie de provação. Uma das mais célebres escolas militares, a francesa Saint-Cyr, fundada por Napoleão em 1803, registrou inúmeros atos de selvageria trotista, assim como sua equivalente norte-americana, a academia de West Point, fundada por Washington. O escritor Vargas Llosa, em seu livro *"Batismo de fogo"*, denunciou o trote no colégio militar Leoncio Prado, em Lima, Peru, onde os calouros, além de ser tratados como cães, eram chamados de "perros".

No Brasil, um dos precursores do trote violento nas casernas parece ter sido o tenente Augusto de Sá, da antiga Escola Militar da Praia Vermelha, que escreveu que "calouro só tem o direito de não ter direito a coisa



Mariza Dias Costa

alguma", uma pérola da imbecilidade. E essa ideologia disseminou-se por inúmeras academias, ao ponto de Sertório de Castro ter escrito, em 1910, no jornal *O Estado de S. Paulo*, que "em nenhuma faculdade civil o trote atinja os níveis de brutalidade e humilhação vigentes nas academias militares".

Os universitários brasileiros, no século 19, herdaram o sistema de trote adotado na Universidade de Coimbra, em Portugal, que, embora fundada por volta de 1300, registra informações de trotes a partir do século 18. O trote português, a "investida", era mais ameno que o praticado na França – conhecido como "purgatio", ou "purgação" –, na Alemanha – a "deposição" –, na Inglaterra, Espanha e nos Estados Unidos. Em todos esses países, sempre houve medidas de autoridades, acadêmicas ou governamentais, tentando proibir e punir o trote violento, algo semelhante ao que ocorre no Estado de São Paulo atualmente, com a lei assinada pelo governador Covas no início de janeiro de 2000.

Quanto mais se proíbem as manifestações, mais elas tendem a se realizar na clandestinidade, à margem dos centros e diretórios acadêmicos, e isso, segundo Mattoso, facilitaria o aparecimento de grupos interessados em "inventar métodos de tortura e situações vexatórias mais ou menos sofisticadas". Ele diz que é difícil avaliar a influência dos regimes autoritários na realização de trotes no Brasil, mas acha que alguns fatores incidem diretamente no comportamento de calouros e veteranos. Um deles é a repressão aos movimentos estudantis, porque, ao mesmo tempo que os governos linha-dura desarticulam as agremiações tipo a UNE e a UEE, provocaram a desunião da classe estudantil. É claro que não se pode generalizar e dizer que apenas os estudantes ligados ao movimento estudantil estão imunes aos excessos, mas em nossas organizações aprendemos que se devem valorizar as ações de solidariedade, ci-

dadania, coletividade.

A razão da existência da imensa maioria das entidades estudantis é a solidariedade entre os estudantes e entre os cidadãos em geral, não só no Brasil, mas em todo o mundo. Nossa meta é a união dos povos pela conquista de uma vida igual e fraterna. É por isso que, apesar dos destaques negativos, na história do trote no País prevalecem as ações positivas, em que os estudantes novatos e veteranos se congregam e reafirmam seu empenho em causas sociais. Há anos que colegas de diferentes universidades vêm implantando a mentalidade do trote saudável, no qual têm valor tão-somente atividades educativas, socioculturais e recreativas.

É essa filosofia que a UNE e a UEE querem incutir na sociedade, mesmo sabendo que a cultura quase milenar do trote não se altera em pouco tempo nem por decreto. Mas a obrigação dos que lutam pelo progresso, a despeito de tradições arraigadas secularmente, é procurar mudar comportamentos ultrapassados e forjar novos rumos. Nessa ótica, o trote deve ser uma alegre brincadeira ou uma salutar troca de experiências políticas, profissionais, históricas ou educacionais, das quais o calouro e o veterano só participam espontaneamente. É um momento de confraternização ou de engajamento social, jamais de preconceitos, vandalismos ou coerções. Nosso lema é que o trote sem violência são outros 500, e, no que depender de nós, os próximos quinhentos anos do Brasil serão de pleno desenvolvimento da universidade pública, da cultura, da cidadania e da democracia.

Wadson Ribeiro é aluno de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora e presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE).

Daniel Vaz é aluno de Educação Artística da UNESP e presidente da União Estadual dos Estudantes de São Paulo (UEE).

CARTAS

ANO 2000

Uma luz no fim do túnel, enfim! Em meio a tantos disparates sobre o ano 2000 estar iniciando um novo século e um novo milênio, o *Jornal da UNESP* rema contra a corrente e acerta – até onde eu pude perceber – sozinho (edição de dezembro, nº 142). Resta a pergunta: jornalistas e publicitários de todo o País, que foram nessa onda, cabularam as aulas de aritmética ou simplesmente agiram de má fé, aproveitando o "fato" para venderem seus produtos?

Rejane Medeiros, jornalista, Poços de Caldas.

AUSÊNCIA DO PAI

Sou secretária, tenho 34 anos e me identifiquei completamente com a reportagem *A falta que faz um pai* (*Jornal da UNESP*, edição de dezembro, nº 142). Ano passado, perdi meu marido num acidente de automóvel e, após o choque inicial, procurei orientação psicológica para que meu filho, Bruno, então com três anos, pudesse enfrentar a ausência do pai da forma menos traumática possível. Parabéns à psicóloga Vera Rezende, da Faculdade de Ciências da UNESP, câmpus de Bauru, pela clareza com que expôs um tema tão complexo quanto delicado.

Márcia Rodrigues, São Paulo, SP.

TROTE

Li com grande interesse a matéria *Trote violento: castigo virá a galope* (*Jornal da UNESP*, edição de dezembro, nº 142). Campanhas de conscientização como a que está sendo realizada pela UNESP são dignas dos maiores elogios, pois combatem as atitudes inseqüentes de muitos estudantes que nem mereciam estar cursando o terceiro grau.

Luiz Roberto Otaviano, professor, Araraquara, SP.

TOLERÂNCIA

Foi com grande satisfação que li a matéria *Rumo à Paz* (*Jornal da UNESP*, edição de dezembro, nº 142). Parabéns a UNESP pela participação ativa na fundação, em Bauru, do Núcleo pela Tolerância para uma Cultura de Paz na América Latina e no Caribe. Iniciativas assim possibilitam a criação de um mundo melhor, livre da violência que se alastra por diversas partes do globo.

Maria Angela Pinto, analista de sistemas, Garça, SP.

CORREÇÃO

Vários leitores escreveram ao *Jornal da UNESP* comentando a reportagem Anauê! O nazismo tupiniquim, sobre a trajetória política de Plínio Salgado (foto), publicada na edição de outubro passado, nº 140. Dois deles consideraram o texto "um libelo contra o integralismo", e os demais apontaram uma incorreção na matéria. De fato, ao contrário do que informamos, Salgado não é mineiro. Nasceu em São Bento do Sapucaí, interior do Estado de São Paulo, em 22 de janeiro de 1895. O líder integralista estudou em Minas Gerais, tornou-se deputado estadual, por São Paulo, em 1920, e, em 7 de outubro de 1932, lançou o documento "Manifesto de Outubro", onde estabelece as raízes e os fundamentos da Ação Integralista Brasileira,

que teve em seus quadros figuras de destaque da cultura nacional, como Cassiano Ricardo, Gustavo Barroso, Miguel Reale, Dom Hélder Câmara, Luis da Câmara Cascudo, Afonso Frederico Schmidt, Alceu Amoroso Lima e Gerardo de Melo Mourão.



unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Veiga
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira
Pró-reitor de Extensão Universitária: Edmundo José De Lucca
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar

Diretores das Unidades Universitárias: Francisco Antonio Bertoz (FO-Araçatuba), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araçatuba), Wellington Dinelli (FO-Araçatuba), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araçatuba), José Roberto Ernandes (IQ-Araçatuba), João da Costa Chaves Junior (FCL-Assis), Cleide Santos Costa Biancardi (FAAC-Bauru), José Misael Ferreira do Vale (FC-Bauru), Edwin Avolio (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), Sheila Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Luiz Antonio Soares Hentz (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Arf (FE-Ilha Solteira), José Antonio Marques (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo de Aguiar (FFC-Marília), Messias Meneguette Junior (FCT-

Presidente Prudente), Massanori Takaki (IB-Rio Claro), Silvio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Maria Dalva Silva Pagotto (Ibilce-São José do Rio Preto), Maria Amélia Máximo de Araújo (FO-São José dos Campos) e Regina Coeli Guedes de Souza Pinto (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Evanildo da Silveira e Oscar D'Ambrosio
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Hélio Toth
Colaboraram nesta edição: Benedito Antunes e Tânia Belickas (reportagem); Mariza e Paulo Zil-

berman (ilustração)
Produção: Mara R. Marcato e Patrícia do Carmo
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 15.000 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.
A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (0xx11) 252-0323 e 252-0327. Fax (0xx11) 252-0207. e-mail: aci@reitoria.unesp.br. e-mail para solicitação de alteração na mala direta: maramar@reitoria.unesp.br
home-page: <http://www.unesp.br/jornal/>
Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial

É assim que se recebe

Campanha *Trote Nunca Mais!*, amparada por Lei Estadual e Resolução interna da UNESP, bane hostilidades contra calouros

As histórias envolvendo trotes violentos são muitas e com desfechos invariavelmente trágicos. No ano passado, o assunto ganhou visibilidade na imprensa quando um calouro do curso de Medicina da USP foi encontrado morto, afogado, na piscina do clube onde foi realizada uma festa de confraternização com os veteranos. Os atos violentos, porém, vão muito além desse episódio. Incluem queimaduras, fraturas, lesões e um sem número de humilhações. Para evitar esses abusos, o Conselho Universitário da UNESP aprovou, em outubro último, a Resolução número 86, que dispõe sobre a recepção aos ingressantes na Universidade. "A intenção é banir práticas abusivas à dignidade dos calouros", diz o pró-reitor de Extensão Universitária, Edmundo José de Lucca, que sugeriu a tomada de medidas severas contra o trote violento.

A Resolução estabelece que as atividades junto aos calouros estarão integradas a uma programação elaborada e organizada por uma comissão local de cada unidade, composta por docentes, estudantes e servidores técnico-administrativos. "Agressões físicas, morais e qualquer forma de constrangimento, dentro ou fora da Universidade, serão consideradas fal-

tas graves, e o agressor poderá sofrer penas de suspensão ou expulsão, previstas no regime disciplinar da UNESP", informa o pró-reitor.

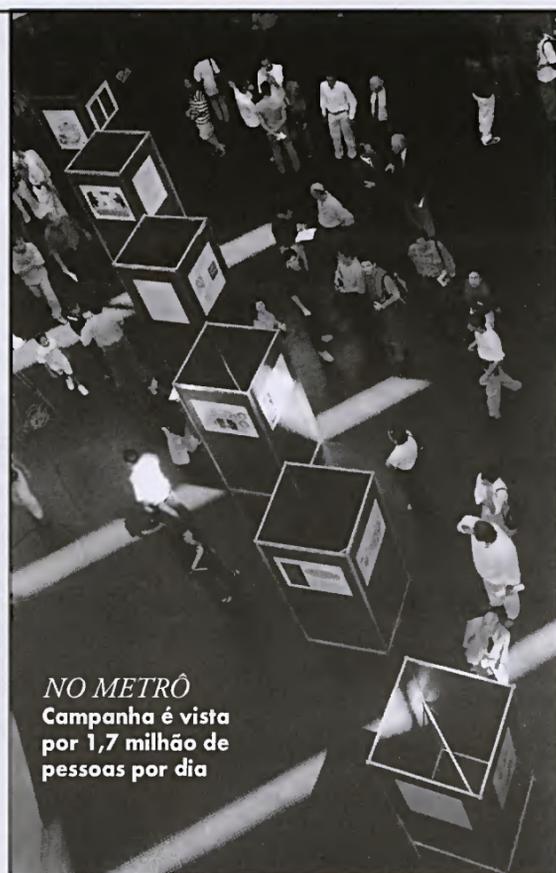
O esforço da UNESP de combater o trote violento foi coroado com a sanção, pelo governador Mário Covas, em dezembro último, da Lei Estadual nº 10.454, de autoria do deputado Faria Júnior (PMDB), que proíbe o trote violento nas universidades públicas. "Também fica estabelecido que as universidades devem aplicar penalidades administrativas aos estudantes que infringirem a lei", esclarece De Lucca. "A Resolução da UNESP já seguia esses parâmetros, pensando na necessidade de orientar os alunos a assegurar a solidariedade, a ética, a responsabilidade social e o direito à vida".

CONCURSO

Como forma de auxiliar na eficácia da Resolução, a Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI) idealizou a campanha *Trote Nunca Mais!*, que está sendo realizada em conjunto com a Pró-Reitoria de Extensão Universitária. De início prevista para ocorrer internamente, a campanha acabou ganhando as ruas. A primeira atividade foi o concurso de frases e charges, aberto aos estudantes da UNESP. Lançado em novembro passado, teve a participação de 18

chargistas e 55 autores de frases. Outra iniciativa foi a criação de um *site* (veja quadro). Paralelamente, a ACI entrou em contato com dezenas de personalidades para que expressassem sua opinião sobre o trote e solicitou trabalhos para chargistas profissionais. "Uma universidade jovem como a UNESP deve mesmo tomar esse tipo de atitude, prevenindo, de maneira bem-humorada, qualquer tipo de violência contra os calouros", explica o vice-reitor Luís Roberto de Toledo Ramalho.

Os vencedores do certame foram anunciados em janeiro. O chargista vencedor foi premiado com R\$ 400,00, enquanto o autor da melhor frase recebeu R\$ 300,00. Também foram premiados, com dinheiro ou vales-livros da Editora UNESP, os trabalhos colocados de 2º a 5º lugar. "Foi com surpresa que recebi o resultado, pois achava que alguém dos cursos de Arquitetura ou Artes Plásticas fosse vencer", diz o quartanista do curso de Direito da UNESP, câmpus de Franca, Fer-



NO METRÔ
Campanha é vista por 1,7 milhão de pessoas por dia

Fotos Hélio Itoh

nando Augusto Sormani Barbugiani, 20 anos, primeiro colocado na categoria charge. (Veja a relação.)

A vencedora na categoria frases foi Valquíria Maria Peruchi, 19 anos, segundanista de Pedagogia do Instituto de Biociências da UNESP, câmpus de Rio Claro. "Minha intenção foi lançar um alerta aos veteranos", diz. "Quando fiz a frase, lembrei do trote que sofri: fui obrigada a percorrer um pequeno trecho, de joelhos, e realizar um juramento de obediência aos veteranos. E tudo isso, debaixo da maior chuva."



PÓDIO
Entrega dos prêmios, pelo vice-reitor Ramalho (centro): cheques e vales-livros

FRASES VENCEDORAS

- 1º lugar – "Cuidado, veterano! Bixo agora é protegido por lei" – Valquíria Maria Peruchi – Instituto de Biociências/Rio Claro
- 2º lugar – "O Ministério da Amizade adverte: o trote pode causar danos irreparáveis" – Alex Sandro Silva Marconato – Faculdade de Engenharia/Ilha Solteira
- 3º lugar – "Calouro é BIXO, mas Veterano não pode ser ANIMAL" – Maxwell Félix – Faculdade de Direito, História e Serviço Social (FDHSS)/Franca
- 4º lugar – "Trote: a estupidez humana em forma universitária" – Ricardo Fernandes – Faculdade de Ciências/Bauru
- 5º lugar – "De trote em trote, a violência cresce a galope" – Vera Lúcia Fioranelli dos Santos – Faculdade de Ciências e Letras/Araraquara

CHARGISTAS VENCEDORES

- 1º lugar – Fernando Augusto Sormani Barbugiani – FDHSS/Franca
- 2º lugar – Danilo Minorello – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação/Bauru
- 3º lugar – Márcia Ayumi Ishikawa – Instituto de Geociências e Ciências Exatas/Rio Claro
- 4º lugar – Maurício Rallo Brancalion – Instituto de Artes/São Paulo
- 5º lugar – Conrado Luís Costa – Faculdade de Engenharia/Bauru

A luta é de todos

Esforço contra a violência ganha as ruas

As charges e frases vencedoras dos concursos, bem como as frases das celebridades e os trabalhos dos chargistas profissionais, estão expostas em todas as unidades, desde o dia 7 de fevereiro. Estão também no *site* www.unesp.br/trotenuncamais. Além disso, ganharam uma nova dimensão de público, extra-UNESP. "A qualidade e a densidade desse material nos indicavam que ele poderia e deveria ser mostrado também fora da UNESP", explica o jornalista José Roberto Ferreira, assessor-chefe de comunicação e imprensa da Reitoria e idealizador da campanha. Para isso, a ACI entrou em entendimentos com a União Estadual dos Estudantes (UEE), visando o desenvolvimento de outras iniciativas.

Uma delas foi a de levar a mostra com o conjunto de frases e charges para duas estações do Metrô, em São Paulo. Desde o dia 2 de fevereiro, a mesma exposição que está nas unidades da UNESP pode ser vista nas estações Vila Madalena e Tatuapé, por onde passam cerca de 1,7 milhão de pessoas por mês. "Ao divulgar as frases e as charges da campanha em nossas estações, contribuimos para afa-

tar as universidades paulistas de qualquer tipo de violência contra calouros", diz a chefe do Departamento de Marketing Institucional da Companhia do Metropolitano de São Paulo, Flávia Audrá Cutolo.

Os trabalhos dos chargistas profissionais foram impressos em cinco mil cartazes, que estão sendo distribuídos para todos os centros e diretórios acadêmicos do Estado. A peça gráfica visa desestimular os veteranos a praticar o trote violento e a conscientizar os calouros a não aceitá-lo. Por último, foi criado o "Informe Trote", serviço telefônico com dupla finalidade: receber denúncias de trote violento, que serão encaminhadas às autoridades competentes, e fornecer sugestões de como se promover recepção a calouros de forma positiva. O número do "Informe Trote" é (0xx11) 5082-3239. "O serviço está disponível para todos os estudantes do Estado de São Paulo", informa o presidente da UEE, Daniel Vaz, aluno de Educação Artística do Instituto de Artes da UNESP.

A viabilização dessas iniciativas foi possível com o apoio da Fundação Unesp, Editora UNESP, Imprensa Oficial e Companhia do Metropolitano de São Paulo.

Que venham os calouros!

Passeios ecológicos, palestras e arrecadação de alimentos são algumas das atividades preparadas para receber os ingressantes

Cada qual à sua maneira, as unidades da UNESP estão preparadas para receber os calouros. Em Guaratinguetá, por exemplo, o diretor da Faculdade de Engenharia, Fernando Augusto Marins Filho, explica que a recepção, na câmpus, nos três primeiros dias de aula, incluirá palestras sobre a profissão de engenheiro e normas internas sobre

aprovação e reprovação dos estudantes. "Haverá ainda atividades como doação de sangue e plantio de árvores, organizadas pelo Diretório Acadêmico", diz.

Na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília, também estão programados diversos eventos, como apresentações musicais, passeio ecológico e campanha de arrecadação de alimen-

tos. "Nossas atividades seguem os princípios de convivência pacífica entre veteranos e calouros, destacados pela campanha *Trote Nunca Mais!*", informa Antonio Geraldo de Aguiar, diretor da unidade.

Diretor da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, em Jaboticabal, José Antonio Marques conta que, naquele câmpus, haverá diversas palestras de

conscientização sobre o uso abusivo de drogas e álcool. "Também estão programadas atividades de reconhecimento de nossas instalações, além de plantio de árvores e palestras com especialistas nas áreas de conhecimento em que atuamos, como agronomia, medicina veterinária e zootecnia", explica.



O ESTADO GRISALHO

Com um aumento notável da expectativa de vida do homem – 63% em 100 anos –, população de idosos cresce em velocidade vertiginosa

EVANILDO DA SILVEIRA

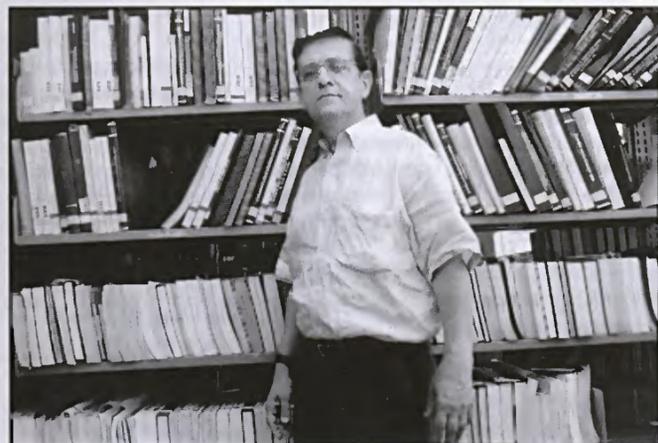
O ser humano contemporâneo de Cristo tinha uma expectativa de vida média que não passava de 21 anos. Dezenove séculos depois, em 1900, a expectativa de vida do homem, no mundo todo, tinha pulado para 47 anos, um aumento de 123% em 1.900 anos. Agora, para o ano 2000, a expectativa de vida do ser humano é 75 anos, um incremento de cerca de 63% em meros 100 anos. São números absolutos, que podem impressionar, mas que dão apenas uma pálida idéia de um fenômeno muito mais amplo, no qual o Brasil se destaca: o envelhecimento da população, isto é, o aumento do número de idosos (pessoas com mais de 60 anos) em relação ao número total da população em geral. E dentro do Brasil, o interior de São Paulo, Estado mais populoso da Federação, é onde isto pode ser visto mais claramente.

O geógrafo Odeibler Santo Guidugli, do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP, câmpus de Rio Claro, analisou detidamente os dados dos três últimos censos demográficos (1970, 1980 e 1991) e a contagem populacional (1996) do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –, referentes aos municípios do Estado de São Paulo. Dali emergiu com o traçado de um mapa que aponta um processo cristalino e incontestável de envelhecimento populacional, maior nos municípios estudados do que a média do Estado. “Entre 1970 e 1991, a taxa de crescimento médio anual da população idosa de muitos municípios das microrregiões do Planalto de Franca, Alta Noroeste de Araçatuba, Jaú e Araraquara, por exemplo, variou de 4,6 a 6,7”, revela Guidugli. “São índices muito significativos, quando se considera que neste mesmo período a taxa para o Estado foi de 2,77.”

Entre as cidades pesquisadas por Guidugli, São Carlos e Rio Claro se sobressaem. Elas são um exemplo gritante da velocidade com que a população está ganhando cabelos brancos. Localizadas no Centro-Norte do Estado, a população idosa destas cidades aumentou, em cinco décadas, em 523% e 536%, respectivamente. A população total cresceu, no entanto, muito menos do que isso. Em 1940, São Carlos tinha 48.609 habitantes e, em 1991, havia pulado para



AMPULHETA
O idoso pode e deve participar ativamente da sociedade



CABELOS BRANCOS
Guidugli: mapa indica envelhecimento populacional

158.220, o que representa um aumento de 225,4%, enquanto Rio Claro saltou de 47.287 para 138.243, um incremento populacional de 192,3%.

TAXA DE FECUNDIDADE

Exemplos como esses se repetem por praticamente todo o Estado. Em cidades como Adamantina, Fernandópolis, Cedral, Pompéia e Arealva, situadas em diferentes regiões, as respectivas taxas de crescimento geométrico médio anual de idosos já era o dobro da taxa que mede o crescimento total da população, no período entre 1980 e 1991. Os valores de 0,01 e 3,30 para Adamantina, 0,21 e 3,33 para Bilac ou -0,75 e 1,97, respectivamente, para o total e para os idosos são a prova desta situação. Em muitos desses municípios, esse processo é mais surpreendente quando se leva em conta a redução da taxa de fecundidade, que pode ser percebida ao observar-se a diminuição do número absoluto de crianças, inicialmente com 0-1 ano, em relação ao censo anterior, e agora avançando para os grupos de 0-4 e mesmo entre 5-9 anos.

Embora por si sós os números sejam preocupantes, não são todo o problema. Alarmante também é a constatação de que a maior parte das cidades do Interior não está preparada para enfrentar essa realidade. O estudo mostra que 66% dos municípios possuem menos de 20 mil habitantes e têm uma economia incipiente. Para piorar, cerca de 80% também não têm autonomia financeira, sendo que a maior parte são cidades pequenas que sobrevivem dos recursos derivados de transferências constitucionais da União e do Estado, as quais, na maioria das vezes,

PROBLEMA
Cidades sem estrutura para enfrentar a questão

Um fenômeno nacional

Sexagenários são 13 milhões e serão 27 milhões em 2020

Embora a pesquisa do geógrafo Odeibler Santo Guidugli, do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP, câmpus de Rio Claro, tenha se limitado ao Estado de São Paulo, o crescimento do número de idosos não é um problema circunscrito a este Estado. Dados já coletados e projeções do IBGE mostram que o fenômeno é nacional. Em 1980, a população total do País era, em números aproximados, de 118 milhões de habitantes, enquanto o número de pessoas com mais de 60 anos não passava de cerca de 7 milhões. Este ano, as projeções apontam para uma população total de 165 milhões, dos quais 13 milhões têm mais de 60 anos. Em outras palavras, enquanto o número total de habitantes cresceu em torno de 40%, o número daqueles com mais de 60 anos aumentou 85%. O salto para o ano 2020 será ainda maior: 21% para a população total (de 165 milhões para 200 milhões de pessoas) e 107% para os idosos (de 13 para 27 milhões).

Guidugli ressalta que há outro aspecto a

ser levado em consideração na questão do envelhecimento da população. “Dentre as pessoas consideradas idosas, também há diferenças”, explica. “Uma pessoa com 60 anos tem qualidade de vida diferente de uma de 70 ou 80 anos.” O próprio IBGE diferencia os idosos em três faixas. A primeira vai dos 60 aos 75 anos, a segunda, dos 75 aos 80, e a terceira, para indivíduos com mais de 80 anos. Pelos números do IBGE, na faixa dos 60 aos 75 anos havia 5,2 milhões de brasileiros em 1980, haverá 9,2 milhões neste ano 2000 (mais 76,9%) e 17,9 milhões em 2020 (mais 94,5%). Como se vê, um ritmo de crescimento relativamente lento. Nas outras duas faixas acontece uma aceleração da taxa de crescimento. O número daqueles com idade entre 75 e 80 anos aumentará 92,8% de 1980 para 2000 (1,4 para 2,7 milhões de pessoas) e 129,6% de 2000 para 2020 (de 2,7 para 6,2 milhões). A população com mais de 80 anos crescerá 103% de 1980 para 2000 (591 mil para 1,2 milhão) e 158,3% de 2000 para 2020 (de 1,2 para 3,1 milhões). O Brasil que se prepare.

são insuficientes para garantir uma boa administração e o atendimento às necessidades da população que envelheceu.

Diante dessa realidade, o envelhecimento populacional em curso representará um problema a mais para a economia da maioria dessas cidades. "Se as administrações locais não se prepararem, em menos de uma década centenas de cidades enfrentarão o agravamento da crise socioeconômica", alerta Guidugli. "Não haverá jovens para estimular o desenvolvimento econômico nem recursos para atender as necessidades da população." Um outro dado complica ainda mais a situação: quanto mais alta for a faixa etária, maior o crescimento proporcional do número de idosos. Assim, o número de pessoas com idade acima de 80 anos cresce mais rápido do que aqueles que têm entre 60 e 70 anos (*leia quadro à página 4*).

VISÃO OTIMISTA

O trabalho de Guidugli questiona, em certo sentido, a visão otimista de que o aumento da expectativa de vida de uma população é algo que se deva apenas comemorar. Normalmente, esse fenômeno é visto sob a ótica do indivíduo, de quem vai viver mais e, claro, acha isso bom. Mas esquecem-se, com frequência, as implicações sociais, como o aumento de despesas sociais e com tratamento e internação hospitalar. Este é um desafio que interessa à coletividade. Para se ter uma idéia, na Inglaterra, a população idosa, que representa 17% do total de habitantes, ocupa 80% dos leitos hospitalares. Em São Paulo, 10% dos leitos para adultos já são ocupados por idosos.

O envelhecimento da população no Interior do Estado também terá o agravante de essa população ser predominantemente constituída por mulheres, geralmente viúvas. No levantamento, o pesquisador constatou que, em 1996, a quantidade de mulheres com idade acima de 60 anos já era maior do que a de homens em 308 municípios do País. É um número que tende a crescer porque, estatisticamente, o tempo de vida do sexo feminino é maior do que o do sexo masculino – 71,4 anos contra 63,9 (*leia quadro nesta página*). Dados do IBGE comprovam esse fato. Em 1980, havia no Brasil 3,4 milhões de homens com mais de 60 anos para 3,8 milhões de mulheres na mesma faixa etária. Em 2020, a diferença será proporcionalmente maior: 11,8 milhões de homens para 15,3 milhões de mulheres.

O que preocupa é que essas mulheres não poderão contar com a assistência da família, pois a pesquisa também demonstra a queda da taxa de fecundidade e a tendência para a migração, exatamente nas regiões que apresentam alta concentração de idosos. Nesse sentido, Guidugli lembra que até as décadas de 40 e 50 as famílias eram numerosas. Quando uma pessoa envelhecia, normalmente tinha irmãos mais jovens e filhos que poderiam ampará-la. "Hoje, as pessoas têm um ou dois filhos, no máximo", enfatiza o geógrafo. "Quando esses filhos envelhecerem, não terão irmãos e talvez nem filhos. Em 2010, 2020, o comum será a velhice solitária. Não teremos meninos de rua, mas provavelmente idosos de rua."

DUAS VERTENTES

Resta a pergunta: é possível viver bem até uma idade avançada? A resposta aponta para duas vertentes. A primeira delas, óbvia, pede uma reformulação na até aqui incipiente estrutura que o Estado tem montada para atender os idosos. "O País tem que encarar de frente esta questão, e quanto mais cedo fizer isso, melhor para todos", reflete Guidugli. A outra vertente diz respeito, diretamente, aos próprios idosos. "Uma vida saudável, na velhice, vai depender dos hábitos de cada pessoa ao longo dos anos", responde o



2020

Em vinte anos, velhice será ainda mais solitária

geriatra Paulo Villas Boas, do Ambulatório de Geriatria do Centro de Saúde Escola da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu. "Os cuidados com a saúde devem ser mais intensos a partir dos 40 anos, quando os efeitos do estresse, do fumo, da má alimentação e do sedentarismo começam a ser sentidos pelo organismo."

É necessário, de acordo com Villas Boas, que a pessoa passe a fazer uma avaliação médica regular, com exames clínicos anuais, avaliação cardiocirculatória, dosagem de colesterol, triglicérides e açúcar no sangue. Para as mulheres, é necessária a realização de exames ginecológicos e, para os homens, a avaliação de próstata. "Deve-se ter em mente também a promoção de saúde, e não apenas a prevenção de doenças", adverte o geriatra da UNESP. Como "promoção de saúde", ele entende atividade física regular, vacinação, alimentação equilibrada, controle de peso e manutenção de atividade social.

Para além dessas questões médicas, no entanto, é preciso pensar nos aspectos sociais do fenômeno – até para que ele não se transforme em problema. Quer dizer: é desejável, sim, que as pessoas atinjam idades mais e mais avançadas, mas espera-se que o governo faça a sua parte. E, como garante Guidugli, os resultados parciais de sua pesquisa mostram que boa parte dos planos e ações governamentais, nesta área, está equivocada. "A idéia de que o idoso precisa apenas de atividade para preencher seu tempo é um estereótipo absolutamente inadequado que, se continuar prevalecendo, acabará resultando em um desastre social no futuro", alerta. Para ele, um idoso saudável pode e deve participar ativamente da sociedade, apenas de forma diferente. Uma das soluções passa pelo prolongamento do tempo de trabalho. "O Japão está se movendo nesse sentido", conta Guidugli. "Lá, já se pensa em conceder aposentadoria somente a partir dos 70 anos, para todos, como forma de equilibrar a economia e o orçamento da previdência, além de fazer com que o idoso se sinta útil."

SAÚDE

Na Capital, 10% dos leitos hospitalares são ocupados por idosos

Vida longa às mulheres

Por diferentes razões, elas vivem 9 a 10 anos mais que os homens

O crescente aumento da expectativa de vida da população mundial, apesar de extensivo a ambos os sexos, não ocorre de maneira uniforme. No Brasil, entre 1920 e 1982, a população experimentou aumento de quase 30 anos de vida. No entanto, o aumento para a mulher foi mais significativo do que para o homem. Em média, a mulher vive de 9 a 10 anos mais do que o homem. Ao lado de diferenças biológicas, como o fator de proteção conferido por hormônios femininos em relação a doenças do coração, há várias explicações para estas diferenças.

De acordo com o geriatra Paulo Villas Boas, da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu, elas começam pela diferença de exposição às causas de risco no trabalho. "Profissões mais perigosas ainda são, na maior parte, exercidas por homens", ele diz. Também são observadas taxas maiores de morte por causas externas, como aci-



Sexo feminino: diferenças biológicas

dentes em geral, acidentes de trânsito, homicídios e suicídios nos indivíduos do sexo masculino. O menor consumo de fumo e álcool, associados às mortes mais importantes na faixa etária acima dos 45 anos, como neoplasias e doenças cardiovasculares, também contribui para que as mulheres vivam mais.

Outro fator responsável pela maior longevidade do sexo feminino, segundo o geriatra da UNESP, é uma significativa diferença de atitude. "As mulheres, em geral, são mais atentas ao aparecimento de sintomas e utilizam mais os serviços de saúde do que o homem", explica Villas Boas. "Além disso, sentem-se com mais liberdade para expressar seus problemas físicos." Villas Boas lembra ainda a assistência médico-obstétrica, hoje mais comum do que no passado, quando a mortalidade materna estava entre as mais importantes causas de morte das mulheres.

AGRONOMIA

Modelito de verão

Pesquisador cria roupa segura e cômoda para aplicadores de defensivos agrícolas



Fotos Hélio Teli

Envergar chapéu, luvas, óculos, máscara, macacão, avental e botas no meio de uma plantação de tomates, milho ou café, em pleno verão, pode não ser programa dos mais agradáveis. Exatamente por isso, embora sejam equipamentos de proteção individual recomendados pelas Normas Regulamentadoras Rurais, do Ministério do Trabalho, para o trabalhador rural durante a aplicação de defensivos agrícolas, poucos os usam. “A vestimenta é incômoda, deixa o usuário com dificuldade de locomoção e é muito quente”, descreve o engenheiro agrônomo Joaquim Gonçalves Machado Neto, do Departamento de Fitosanidade da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da UNESP, câmpus de Jaboticabal. “Por isso, resolvi criar uma roupa tão eficiente e protetora quanto as existentes no mercado, mas muito mais cômoda e confortável.”

A roupa para aplicação de agrotóxicos desenvolvida por Machado Neto – e patenteada pela UNESP – é semelhante a um macacão. É confeccionada com plástico impermeável e totalmente aberta atrás, protegendo toda a região frontal do corpo, incluindo braços e pernas. Dependendo da exposição, deve ser complementada por máscaras descartáveis, botas de borracha branca e luvas. “É ideal para aplicações em culturas de até dois metros, como a de tomate estaqueado, por exemplo”, explica o pesquisador. “Nestas plantações, as partes do corpo mais expostas são os pés, as coxas e a região frontal das pernas.”

ONDE MORA O PERIGO

Durante suas pesquisas para desenvolver a roupa, Machado Neto chegou também à conclusão de que a intoxicação por agrotóxicos não depende apenas do tipo de

veneno que se usa, mas, sobretudo, do grau de exposição durante a aplicação. “Notamos que o tempo de exposição tem a mesma importância que o grau de toxicidade dos produtos na determinação do risco de intoxicação dos manipuladores de agrotóxico”, explica o pesquisador. É justamente aí que mora o perigo. Por causa do rigor da legislação, vários dos agrotóxicos mais perigosos já são aplicados por trabalhadores devidamente protegidos. “Mas o mesmo não acontece com os agrotóxicos de menor toxicidade, como a maioria dos herbicidas e fungicidas”, alerta Machado Neto. “Tidos, erroneamente, como ‘menos perigosos’, continuam ameaçando a saúde na zona agrícola, pela forma como o aplicador se expõe.” Daí a importância de tornar o equipamento de proteção mais confortável. “Assim, o trabalhador rural, pessoa geralmente com baixo grau de instrução,

não vai oferecer resistência quando houver necessidade de usá-lo.”

Na prática, o trabalho do engenheiro agrônomo contribui para diminuir os casos de intoxicação, porque propõe a utilização de roupas mais adequadas e que atendem à indicação das Normas Regulamentadoras Rurais – NRRs. “As NRRs não especificam os modelos dos equipamentos e, por isso, dificultam o seu uso”, diz Machado Neto. “A máscara de proteção convencional, com filtro de carvão ativado, por exemplo, é muito grande e impede o trabalhador de enxergar o local onde pisa.” Com o equipamento que desenvolveu, o pesquisador está contribuindo para diminuir os casos de intoxicação por venenos em geral e pelos com baixo grau de toxicidade em particular, com os quais os aplicadores têm menores cuidados, embora fiquem longo tempo expostos a eles.

Quem entra na UNESP

tem vaga garantida no Programa

Universitário do Banco Real.

Conheça o programa de vantagens que o Banco Real desenvolveu especialmente para você, universitário.

- Sem comprovação de renda. • 6 meses de isenção nas principais tarifas. • Realmaster*, 10 dias por mês sem juros.
- Cartão Universitário ou Real Visa Múltiplo*.
- RealCap Universitário. • Seguro Real Vida Universitário.
- Crédito Parcelado* para compra de livros. E muito mais!



Banco Real

www.bancoreal.com.br

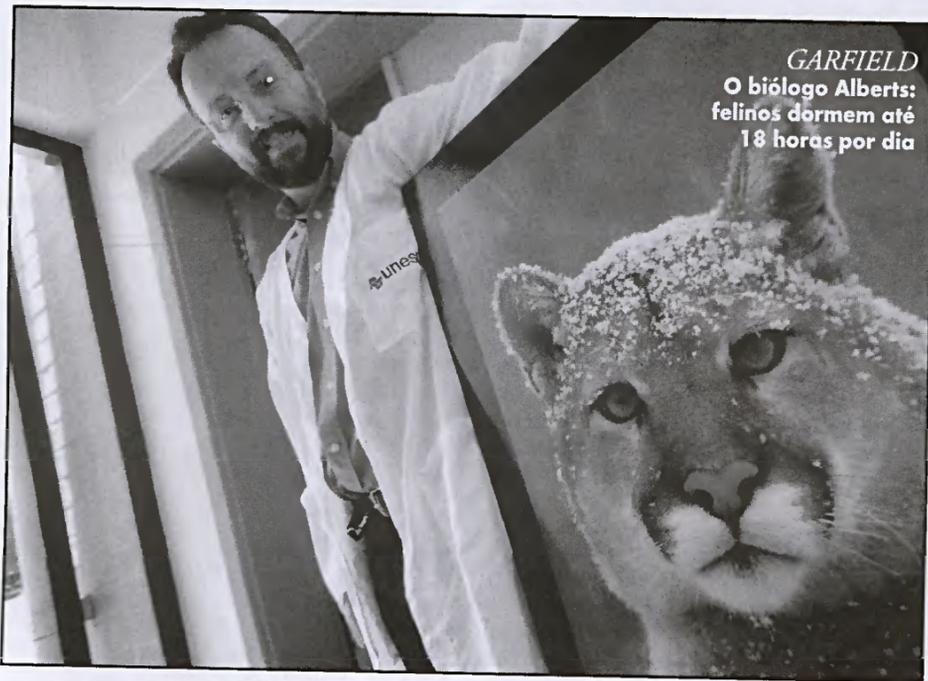
* Sujeito a análise e aprovação de crédito.

MAPEVA



UM DIA DE GATO

De comportamento aparentemente – e só aparentemente – simples, os bichanos cobrem o planeta, numa proporção de 45 animais para cada homem



GARFIELD
O biólogo Alberts:
felinos dormem até
18 horas por dia



Fotos: Hélio Toth

EMBOSCADA
Predadores: movimentos rápidos e precisos



ALICE
O gato que ri: clássico de Carroll



Eles têm a elegância de uma onça, a agilidade de um tigre e o instinto independente de um leão. Mas, ao contrário desses seus “primos”, são dóceis e de hábitos caseiros. Essas qualidades acabaram por tornar o gato um dos mais queridos animais de estimação em todo o mundo. “Eles já ocupam, hoje, a preferência dos norte-americanos”, afirma o biólogo Carlos C. Alberts, do Departamento de Ciências Biológicas da UNESP, câmpus de Assis, estudioso do comportamento dos felinos. “Com a redução do tamanho das casas e o ritmo acelerado de vida, os gatos, mais higiênicos e independentes do que os cães, são hoje os melhores amigos do homem.”

Segundo a Humane Society of the United States, especializada em estudar o relacionamento dos animais domésticos com o ser humano, há hoje, nos EUA, 59,1 milhões de gatos domésticos, contra 52,9 milhões de cães. “Embora numerosos, bonitos e elegantes, os gatos domésticos, por terem um comportamento aparentemente simples, se comparados aos felinos selvagens, como leões e tigres, são pouco estudados em relação a outros mamíferos”, informa Alberts, que, no seu doutorado, desenvolveu, em zoológicos na Alemanha e no Estado de São Paulo, um método para estabelecer parentescos entre espécies (filogenia) justamente a partir do comportamento animal, não de suas características genéticas ou morfológicas. “Utilizei como critério a autolimpeza facial dos felinos. Mas o método também está sendo usado para estudar a filogenia de aves e aranhas.”

BICHO COMPLEXO

Para cada ser humano na face da Terra, há 15 cães e 45 gatos, incluindo os ferais – que vivem no campo ou que habitam ambientes urbanos sem dono fixo. Alberts acentua que a transformação dos gatos selvagens em domésticos é relativamente recente, se comparada com a dos cachorros. “Os cães foram domesticados há 16 mil anos, e os gatos somente há cerca de 6 mil, pelos egípcios, que os divinizaram”, afirma. (Veja quadro ao lado.)

Por conviverem há menos tempo com os homens, de acordo com Alberts, é normal que gatos tenham uma vida fora da

casa do dono. Ele afirma ainda que, mesmo assim, há pessoas que gastam mais dinheiro com seus gatos do que com os filhos. “Crianças agressivas, idosos solitários e doentes mentais também costumam apresentar melhorias graças à convivência com gatos”, diz. O biólogo admite, porém, que o gato é complexo e difícil de entender. “Conhecer seu temperamento é um desafio”, diz. “Já estudei seu comportamento e creio até que ele premedita vinganças.” (Veja quadro à dir.)

Nesses estudos, o biólogo concluiu que a imagem de preguiçoso do personagem de quadrinhos Garfield se justifica. “Os gatos, de fato, passam 18 horas por dia dormindo e descansando”, conta. Mas isso não é arbitrário. “São animais predadores, de emboscada, ou seja, não correm atrás da caça. Economizam energia para conseguir sua alimentação em movimen-

tos rápidos e precisos”, analisa. No entanto, a visão que os desenhos animados passam dos felinos geralmente é negativa. “Eles são sempre os malvados. Tom caça Jerry, Frajola persegue Piu-Piu e, na história em quadrinhos *Maus*, que critica o holocausto, os gatos são os violentos nazistas, enquanto os judeus são apresentados como ratinhos.”

Alberts encontra a compensação no zoológico, onde os felinos, como o leão e o tigre, são, junto com os primatas, como o macaco, os animais mais festejados por adultos e crianças. Mesmo assim, há pessoas que não suportam ver um gato doméstico. O biólogo arrisca uma explicação. “Como têm a face muito semelhante à humana, funcionam, para alguns, como autênticas caricaturas. E muitos devem se sentir ofendidos por essa semelhança.”

Oscar D’Ambrosio

Num dia, deus; noutro, diabo

Uma história de mordomias e sobressaltos

Os gatos, ao logo de sua história, viveram um paradoxo. Entre os egípcios, há cerca de 6 mil anos, foram divinizados. Na Idade Média, eram vistos pela igreja católica como animais ligados ao diabo. Carlos C. Alberts, da FCL, de Assis, explica como os gatos domésticos chegaram a integrar o panteão egípcio na figura da deusa da fertilidade e da maternidade, Bastet. “Os egípcios armazenavam parte de suas colheitas em enormes silos, que eram atacados por ratos”, conta. Como os gatos matavam os roedores, não tardou muito para que passassem a morar dentro das casas e fossem divinizados. “Eram considerados membros da família. Quando morriam, eram mumificados e os donos raspavam as sobrancelhas em sinal de luto”, afirma o biólogo.



Estatueta de Bastet, Egito:
cerca de 713-331 a.C.

Na Idade Média, a história se inverte e os gatos passam a sofrer grande perseguição.

“Para acabar com a resistência cultural dos celtas ao catolicismo, a Igreja passou a pregar que os sacerdotes druidas eram bruxos. Como viviam isolados, mas rodeados de gatos, estes animais foram associados ao demônio e à má sorte”, conta o pesquisador da UNESP. Situação semelhante ocorreu com os povos germânicos, que adoravam a deusa Fréia. Associada à fecundidade, ela percorria os campos sobre uma biga de ouro puxada por dois gatos. “Até o fim da Idade Média, imagens da deusa foram destruídas, mulheres que tinham gatos eram queimadas e os animais, enforcados.”

(O.D.)

Minha vingança será felina

Pense duas vezes antes de chutar o seu gato

Num ataque de mau humor, a pessoa chuta o gato antes de sair de casa. Quando volta, encontra sua poltrona preferida coberta de fezes e urina. Instinto? Para o biólogo Carlos C. Alberts, da FCL, de Assis, a resposta é vingança. “Acredito que um gato pode elaborar conscientemente sua reação à agressão, premeditando e praticando ações com o intuito de se vingar de maus-tratos recebidos de seus próprios donos”, diz.

A partir dessa hipótese, polêmica, Alberts desenvolveu um questionário a ser utilizado numa pesquisa que deve ser aplicada no primeiro semestre do ano 2000. Com essa pesquisa, ele se insere em uma tendência recente no estudo do comportamento que averigua a possível existência da consciência entre outros animais que não o homem. “Costuma-se ver a vingança como algo negativo. Julgo que ela é necessária para a manutenção de uma pessoa ou animal num ambiente social”, explica. “Se uma pessoa ou animal é agredido e não reage, mesmo que posteriormente, vai continuar sofrendo novas ações violentas.”

O questionário será distribuído entre clientes de veterinários, com o objetivo de entender melhor as relações entre os seres humanos e seus animais de estimação. “São perguntas sobre comportamento de animais domésticos que podem ser considerados vingativos”, conta. “Após tabular esses dados, pretendo entrar em contato com alguns donos de animais, ouvir detalhadamente seus relatos e tentar observar o comportamento descrito.”

(O.D.)

Que País, afinal, é este?

Passados 500 anos desde o Descobrimento, o Brasil continua à procura de sua real identidade, para além de mitos e estereótipos

OSCAR D'AMBROSIO

Cinco séculos após a chegada de Cabral, o povo brasileiro ainda se olha no espelho tentando entender quem é e quais são as suas características comuns e diferenciadoras em relação a outros povos. Essas indagações, iniciadas nos anos 1930, quando surgiram os primeiros estudos sobre a identidade nacional, acompanham até hoje psicólogos, historiadores, educadores e sociólogos. "O brasileiro valoriza aspectos pessoais e afetivos em suas práticas cotidianas no espaço público, como a escola e o trabalho", diz a psicóloga Mériti de Souza, do Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis.

A autora do recém-lançado *A Experiência da Lei e a Lei da Experiência: ensaios sobre práticas sociais e subjetividades no Brasil* (Editora Revan e Fapesp; 232 páginas; R\$ 24,00), Mériti acredita que a visão que o brasileiro tem de si mesmo é inseparável de questões culturais, como a colonização portuguesa; sociais, como os conflitos entre o centro e a periferia; e econômicas, como a desigualdade de distribuição de renda. "Na Grécia, por exemplo, o cidadão construiu sua identidade na agora, a praça pública. Entre nós, critérios como a amizade e o parentesco, mesmo na política, falam mais alto."

TRIÂNGULO RACIAL

A historiadora Martha dos Reis, do Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília, também acredita que qualquer discussão sobre a sociedade brasileira deve lembrar o triângulo racial que deu ori-

gem ao País. "Os lusitanos brancos impuseram aos colonizados a religião católica como única e verdadeira. Consideravam o trabalho como castigo pelo pecado original e, por isso, o atribuíram, inicialmente, aos índios nativos e, em seguida, aos negros africanos", afirma.

Os índios eram vistos como seres inocentes, que sequer "encobriam suas vergonhas", conforme diz Caminha em sua primeira carta ao monarca D. Manuel. Quanto aos negros, para o Padre Vieira, teriam, por meio do trabalho, sua oportunidade de purgar o pecado de não serem cristãos, alcançando assim o Reino dos Céus. "Morrer de melancolia foi a primeira forma de resistência dos escravos frente à violência a que eram submetidos", aponta Martha.

Porém, ao contrário do que ocorre com outros povos latinos, como mexicanos, bolivianos ou peruanos, os brasileiros, segundo o psicólogo José Sterza Justo, do Departamento de Psicologia Evolutiva Social e Escolar da UNESP, câmpus de Assis, não estampam em sua fisionomia traços do passado colonial. "Não temos uma 'cara', e a diversidade é um dos elementos de nossa constituição", acredita. Para Justo, existiria, no plano psicológico do brasileiro, a permanência do contraste entre o sonho paradisíaco de conquista dos colonizadores e a nossa desastrosa realidade de miséria, sofrimento e frustração. "Surge assim a sensação nacional de inferioridade em relação à cultura estrangeira e a ideia de que o 'País' é bom, mas seu povo não presta", explica.

MITO CORDIAL

Essa ideia de que o povo brasileiro é inferior ao de outros países pode ser encontrado na expressão "Terceiro Mundo". "Ao assumir essa denominação, colocamos o Primeiro Mundo como algo idealizado. Portanto, deixamos de refletir sobre nossas potencialidades, vendo-nos como eternos derrotados perante os 'sucessos' de outros povos", avalia Mériti.

A historiografia dos anos 1930, tentando explicar a unidade nacional, mantida apesar



TERCEIRO MUNDO
Mériti: eternos derrotados diante dos "sucessos" dos outros



IDENTIDADE
Justo: povo sem rosto



INDIVIDUALISMO
Mozzo: quebro da solidariedade



RETRATO
Zilá: forte, teimoso, guerreiro

das dimensões continentais do País, construiu o mito do brasileiro como homem cordial, resultado de uma harmoniosa integração entre índios, brancos e negros. "Com um melhor conhecimento das contradições e conflitos sociais de nossa história, não sobra muito desse mito", avalia o historiador Alberto Aggio, do Departamento de História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, câmpus de Franca.

Além da questão histórica, o estabelecimento da personalidade do brasileiro esbarra nos aspectos sociais multifacetados do País. Para a educadora Zilá Aparecida de Moura e Silva, do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da UNESP, câmpus de Bauru, o verdadeiro brasileiro não é aquele que vemos pela televisão nas telenovelas ou a elite política envolvida em desmandos, mas o retratado por Graciliano Ramos, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. "É um forte, um teimoso, um guerreiro. Sobreviver neste País não é para qualquer um", define.

O sociólogo Antonio Carlos Mazzeo, do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da FFC, em Marília, concorda com Zilá. "O brasileiro é um povo que luta diariamente e sublima socialmente suas vitórias e derrotas pessoais nas conquistas esportivas do País", afirma. "No entanto, com índices crescentes de desemprego, miséria e exclusão social, essa luta pode levar à quebra da solidariedade entre as pessoas, aprofundando o individualismo." (Veja quadro à página 8.)

"CONSCIÊNCIA SOLIDÁRIA"

Para o geógrafo Bernardo Mançano Fernandes, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, câmpus de Presidente Prudente, o brasileiro oscila justamente entre essa luta, que implica uma resistência cotidiana à realidade adversa, e o conformismo, que o leva a assistir a reformas políticas que geralmente vêm de baixo para cima. "A sociedade brasileira luta por mudanças e superação, mas também convive e aceita o poder conservador", diz. "O que não podemos perder é a consciência solidária."

Poder, não pode. Mas a gente dá um "jeitinho"

Informalidade seria primeiro passo para o nepotismo e a corrupção

O célebre "jeitinho" brasileiro de resolver problemas graças ao uso de relações pessoais é certamente uma das características mais citadas do temperamento brasileiro. "É o produto direto da pobreza e da exclusão das classes populares. Surge como forma criativa de resistência popular às grandes dificuldades que o povo encontra em seu dia-a-dia", aponta o sociólogo Antonio Carlos Mazzeo, da FFC, em Marília.

De acordo com a historiadora Martha dos Reis, também da FFC, o "jeitinho" consiste em encontrar formas de burlar leis ou regras graças à proximidade de pessoas influentes. "Ele até pode ser positivo, quando se caracteriza como resistência frente à aplicação de leis e taxas que exploram ou submetem o cidadão", reflete. Na maioria dos casos, porém, é negativo, pois cria procedimentos que desorganizam a vida social. "Espalham-se assim soluções prejudiciais à soci-

idade, como nepotismo e corrupção", acredita Mazzeo. "O 'jeitinho' brasileiro atrapalha a democracia porque faz com que alguns sejam 'mais iguais do que os outros', destruindo a igualdade de direitos", acrescenta a educadora Sonia Alem Marrach, da FCC, de Marília.

A descrença geral nas leis formais seria, para a psicóloga Mériti de Souza, da FCL de Assis, um dos motivos da existência do "jeitinho" brasileiro. "É o que ocorre na periferia, onde são articulados códigos próprios, que convivem paralelamente aos legais". Mériti enfatiza, porém, que o "jeitinho" não existe só no Brasil. "Em todas as sociedades, as pessoas procuram melhores formas cotidianas de lidar com as leis formais", diz. Para ela, considerar o "jeitinho" uma exclusividade do brasileiro é um discurso perverso. "Essa postura cria uma baixa-estima e leva grande parcela da população a se ver pior do que as outras sociedades."



RESISTÊNCIA
Fernandes: contra as adversidades e o conformismo

A tua, a minha, a nossa cara

Ayrton Senna ou Macunaíma? Quem, afinal, simboliza o brasileiro?

Em 1994, enquanto preparava sua tese de doutoramento, defendida na PUC-SP e agora publicada na forma de livro, a psicóloga Mériti de Souza, ao lado de todo o País, vivenciou a comção nacional em torno do falecimento do piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna, ocorrido após acidente no G. P. de Imola, na Itália. A análise do episódio foi a base para um capítulo de seu trabalho. "Senna representava para o Brasil a vitória da competência, da tecnologia e do esforço individual, sendo um herói bem diferente de Macunaíma, comumente tomado como símbolo do Brasil", analisa.

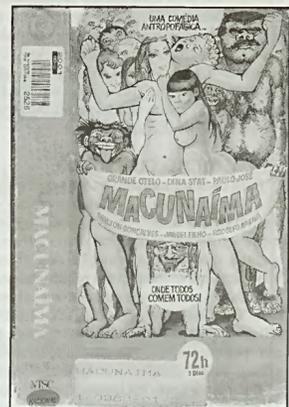
Para o educador Cristiano Amaral Di Georgi, do Departamento de Educação da FCT, de Presidente Prudente, a repercussão da morte de Senna mostra como o brasileiro

coloca a felicidade fora de si mesmo. "Ele encarnava a necessidade que temos de ser vencedores. Por isso, sua morte foi uma tragédia nacional para um País que ainda precisa de heróis", avalia. "Ele é a imagem lapidada da ideia de que a modernização ocorrida nos últimos 30 anos, no País, poderia ser extensiva a todos", completa o historiador Alberto Aggio, da FHDSS, de Franca.

Há, porém, aqueles que ainda consideram Macunaíma como o autêntico símbolo do brasileiro. "Ele é capaz de sobreviver, com arte e irreverência, às mais adversas condições de vida", diz a educadora Sonia Alem Marrach, da FFC, de Marília. "Sua figura remete à do malandro, à do profissional do 'jeitinho'", completa Martha dos Reis, da mesma unidade. Aggio lembra, no entanto, que tanto Macunaíma quanto Senna são irreais. "O primeiro é um person-

gem de ficção, e o segundo, uma pessoa real atravessada pela dimensão da mitificação", julga. "Foi capturado pela mídia como um símbolo de vitória, alguém que realizava a 'redenção' dos brasileiros."

Há, finalmente, os que não vêem nem o piloto nem o personagem de Mário de Andrade como símbolos do indivíduo brasileiro. "Senna é um símbolo apenas da indústria de cultura de massa, e Macunaíma é uma aberração, sem nenhuma relação com o indivíduo brasileiro, conhecido apenas nos ambientes intelectualizados. Nosso verdadeiro símbolo é o imigrante, que está em todos os lugares mas não tem lugar nenhum, como o sem-trabalho, o mal-empregado, o sem-terra e o menino de rua", aponta o geógrafo Bernardo Mançano, também da FCT.



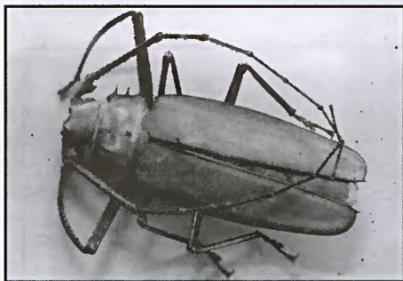
Não fica um pará contar a história

Centro usa controle biológico e doses mínimas de agrotóxicos para atacar vermes e insetos nocivos à agricultura

Imagine a seguinte cena: cientistas decolando de um aeroporto, a bordo de uma poderosa aeronave, com a missão de identificar, lá em baixo, no solo, vermes que atacam culturas como a do algodão ou da soja. O que, à primeira vista, pode parecer zombaria ou simplesmente coisa de doído, é, na verdade, apenas a ponta mais recente e visível do trabalho paciente, sistemático e irretocável do Centro de Manejo Integrado de Pragas, Cemip. Criado em 1986 como unidade auxiliar da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) da UNESP, câmpus de Jaboticabal, o Cemip desenvolve suas atividades de olho no ensino de graduação, pós-graduação e extensão universitária, com base nas táticas e estratégias do manejo integrado de pragas. E é aí que entra o tal projeto de identificação dos vermes desde o céu – que, como se verá, de maluco não tem nada.

O nome do trabalho já revela um pouco da sua metodologia: *Nematóides em Algodoeiro e Soja no Brasil – Uso de sensoriamento remoto para detectar áreas infestadas e auxiliar as orientações sobre o seu manejo*. Em outras palavras, tem o objetivo de mapear regiões do Brasil com culturas atacadas por nematóides (espécie de vermes), detectando o grau de infestação nessas áreas e criando um programa de manejo integrado dessas pragas. De acordo com o nematologista Jayme Maia dos Santos, coordenador do projeto, primeiro são feitas fotografias aéreas, com filmes infravermelhos, e em seguida identificadas as áreas infestadas, cujas plantas ficam com cores diferentes das plantas saudáveis. “Por isso é que se pode perceber a existência de vermes a partir de aviões”, esclarece Santos. “Os pés de algodão afetados, por exemplo, ficam avermelhados, e os de soja, com aparência de queimado.”

A pesquisa é inédita e deve contribuir com algumas inovações tecnológicas. “Os resultados trarão enorme contribuição ao manejo dos nematóides em áreas de algo-



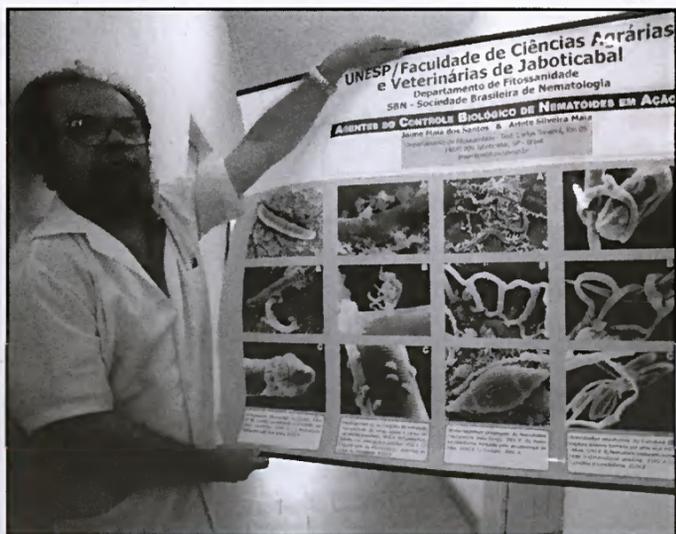
PRAGAS
Redução de aplicações de defensivos

dão e soja no Brasil”, acredita o entomologista Antonio Carlos Busoli, supervisor geral do Cemip. “O problema seria resolvido, após a identificação e localização dessas áreas infestadas em meio a áreas saudáveis, com controle cultural, ou seja, com a rotação de culturas, plantando-se, por determinado período, outras culturas que aqueles nematóides não atacam.”

TÁTICAS E ESTRATÉGIAS

Como atua em várias frentes, simultaneamente, à primeira vista o Cemip pode sugerir um mero agrupamento de laboratórios (veja quadro). Nada mais incorreto. Como o próprio nome diz, trata-se de um centro integrado que congrega pesquisadores do Departamento de Fitossanidade com alguns dos departamentos de Fitotecnia, Horticultura e Fruticultura e de Engenharia Rural. “O Cemip pode ser descrito como um meio de levar o manejo de pragas ao agricultor”, resume o supervisor Busoli. “Um departamento, sozinho, não conseguiria fazer isso.”

Uma das metas do centro é fazer o manejo de pragas de tal forma que a relação custo/benefício favoreça o agricultor. “Manejar pragas significa aplicar táticas e estratégias já conhecidas no controle de pragas levando em conta, além da relação custo/benefício, mais dois quesitos básicos”, ex-



Fotos Hélio Toth

DO CÉU
Santos e os vermes: fotos infravermelhas



QUALIDADE TOTAL
O coordenador Busoli: manejo de pragas

TÁTICA
Cultura de cochoilhas: estratégia ecológica

plica Busoli. “O primeiro é o ecológico, que visa o controle racional da praga, para preservar o meio ambiente, inclusive os inimigos naturais das pragas. O outro, é o toxicológico, que se baseia no princípio de que quanto menos se aplicarem produtos químicos, melhor será para o agricultor.”

Tanto esforço fez com que o nome do centro se tornasse conhecido em todo o País e, também, além-fronteiras. Mesmo antes de 1986, data de sua institucionalização, o centro já reunia entomólogos em torno de debates sobre técnicas de manejo integrado. No final da década de 70, por exemplo, possuía tecnologia em MIP para a cultura do algodão e, por intermédio da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, orientava as primeiras plantações no Estado de São Paulo, reduzindo em até 80% o uso de inseticidas para o combate de pragas. Em 1982, com a chegada do bicudo-do-algodoeiro às lavouras

paulistas, o Cemip coordenou as reuniões para enfrentar a pior praga introduzida no Brasil. Busoli lembra que, antes da chegada do bicudo, o número de aplicações de inseticidas havia caído de 30 para duas por ano. “Com a introdução desta praga, o número de aplicações aumentou para 8 por ano”, conta. “Em dois anos, reduzimos esse número para 6.”

Este é apenas mais um exemplo do trabalho realizado pelo Cemip. “É a Universidade cumprindo seu papel”, orgulha-se Busoli. “Nosso objetivo é a qualidade total na agricultura, em termos de manejo de pragas. Queremos mostrar que é possível uma agricultura rentável sem o uso exclusivo de produtos químicos. Ensinamos aos agricultores o controle biológico de pragas, as épocas de plantio desfavoráveis a elas e a aplicar agrotóxico apenas quando é necessário, na dose certa. Isso é manejo integrado de pragas.”

EXCELÊNCIA NO TRIPÉ

Ensino, pesquisa e extensão norteiam atividades do centro

O Centro de Manejo Integrado de Pragas (Cemip), unidade auxiliar da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da UNESP, câmpus de Jaboticabal, funciona em prédios que totalizam 250m² de área construída. É dirigido por um supervisor geral, com o apoio do pessoal técnico: engenheiro agrônomo, biólogo, dois técnicos agrícolas e auxiliar de análises. Há, ainda, um Conselho Deliberativo, composto por 10



Prédios somam 250m² de área construída

membros, e 13 Coordenadorias de Sistemas de Manejo Integrado de Pragas (Cormip), para diferentes culturas: algodão, citros, amendoim, café, feijão, florestas, goiaba, oleícolas, milho/sorgo, nematóides, pastagens, soja e sistema de frutas de clima temperado

As atividades do Cemip formam um tripé: ensino, pesquisa e prestação de serviços. “Para as primeiras, contamos com corpo técnico formado por professores/pesquisadores da FCAV”, explica o supervisor geral, Antonio Carlos Busoli. “Em colaboração com as várias Coordenadorias em Sistemas de Manejo Integrado de Pragas por culturas, oferecemos cursos, palestras e ‘dias de campo’ a alunos de graduação e pós-graduação, técnicos de outras instituições e a produtores rurais em várias localidades do País.”

Os professores/pesquisadores que compõem o corpo técnico do Cemip, também desenvolvem inúmeros projetos de pesquisas em táticas e estratégias em Manejo Integrado de Pragas, tendo como colaboradores alunos de graduação, pós-graduação e engenheiros agrônomos de outras instituições

de pesquisa. Esses trabalhos são financiados por instituições como Fapesp, CNPq, Capes, Fundunesp e Funep, além de empresas públicas e privadas. “Muitas dessas pesquisas são publicadas em revistas especializadas, anais de congressos e apresentadas em simpósios”, conta Busoli.

A terceira atividade do Cemip é a prestação de serviços. Os profissionais que compõem o corpo técnico do centro atendem a centenas de alunos, dezenas de instituições públicas e privadas, agrônomos e empresas rurais. Fazem desde a identificação dos problemas até a recomendação racional de manejo. “No geral, a prestação de serviços é feita diretamente à comunidade”, explica Busoli. “Indiretamente, por meio de palestras, cursos e ‘dias de campo’, o Cemip procura difundir tecnologia para os alunos de graduação, formando futuros profissionais que se baterão pela melhoria da qualidade de vida dos produtores e dos consumidores dos produtos vegetais.”



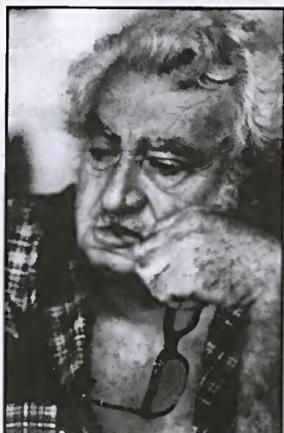
Razão e imaginação

Obra investiga, em dez ensaios, os cruzamentos possíveis entre a sociologia e a literatura

BENEDITO ANTUNES



Callado: revolução



Amado: balanço crítico



Graciliano: viés social



Machado: marco histórico



João Cabral: tensão

Apesar de alguns exageros, tanto por parte de historiadores que tomam narrativas literárias como documentos, quanto de certa crítica que radicaliza a questão da imanência literária, a obra de ficção pode sempre ser lida em sua complexidade histórica e estética. É o que demonstram os dez ensaios de *Sociedade e literatura no Brasil*, publicação organizada por José Antonio Segatto e Ude Baldan. Resultado do curso "Literatura e sociedade no Brasil", ministrado em 1997, na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara, por professores de literatura, história, sociologia e filosofia, o livro tem como finalidade "refletir sobre a natureza e as modalidades de produção do conhecimento na literatura e nas ciências sociais". Destaca-se, no entanto, a abordagem da representação do processo histórico e social por meio da literatura. E, com exceção do ensaio de abertura, todos tratam da literatura brasileira.

Otávio Ianni enfrenta com rigor e sensibilidade as possíveis relações entre os discursos científico e literário, duas linguagens distintas que compreendem "formas de conhecimento e imaginação". Dessa perspectiva, clássicos da literatura e da sociologia são percorridos por uma leitura que procura reconhecer neles o trabalho criativo com a paixão, a intuição e a imaginação. Assim é, por exemplo, que Maquiavel, Marx e We-

ber se aproximam de Shakespeare, Balzac e Kafka ao narrarem o mundo para elucidá-lo, criando "sínteses de visões do mundo prevalentes na época".

No âmbito da literatura brasileira, Fernando Carvalho acompanha, em *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, o sutil esvaziamento de um marco histórico como a Proclamação da República. De outra parte, Sylvia Telarolli resgata a forte presença da sátira em nossa literatura, normalmente associada às constantes crises institucionais e tensões políticas. Dentre vários autores, destaca Gregório de Matos, José Paulo Paes e José Roberto Torero. Os ensaios seguintes ocupam-se basicamente do século XX. Luiz Gonzaga Marchezan procura definir a espacialidade como categoria no regionalismo brasileiro a partir de atenta leitura de Afonso Arinos e Hugo de Carvalho Ramos, enquanto

que Maria Célia Leonel e Edna Santos Nascimento examinam os sentidos de "sertão" em Guimarães Rosa, do mais literal, de lugar longínquo, ao mais complexo, de região humana ou condição interior da personagem. Fábio Lucas, por sua vez, estuda os recursos lexicais com que Graciliano Ramos constrói a *secura* no romance *Vidas secas*.

A seguir, Tania Pellegrini, explorando as relações da literatura com o mercado, faz um balanço crítico da produção de Jorge Amado a partir de *O sumiço da santa*, em que o povo é um ingrediente acessório, ao lado da sexualidade e de uma crítica social "branda". Renato Franco aborda a tematização da revolução em dois romances políticos da década de 60: *Quarup*, de Antonio Callado, e *Pessach*, de Carlos Heitor Cony. Marcelo Ridenti, tomando o conjunto da produção do autor, analisa *Benjamin*, de Chico

Buarque, que expressaria a "perplexidade da intelectualidade de esquerda em fim de século".

O livro se encerra com o ensaio de Segatto, que procura observar como o autoritarismo e a exclusão social do processo histórico brasileiro estão representados com insistência nas manifestações literárias, como em Machado de Assis, Lima Barreto, Mário de Andrade, Mário Palmério, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto, João Ubaldo Ribeiro e Bernardo Élis. Retoma os postulados do ensaio inicial e reforça a tônica do livro, que explora as tensões do contraponto entre a história e a literatura.

Livro inteligente e oportuno, *Sociedade e literatura no Brasil* configura, em seu conjunto, um amplo panorama das relações entre o processo histórico-social e a literatura, sendo esta considerada como uma das formas de produção do conhecimento. E um de seus méritos, o maior talvez, é o de contribuir para ampliar a visão da história por meio da visão literária. De Machado de Assis a Chico Buarque, uma forma privilegiada de se observarem as tensões da sociedade brasileira.

Benedito Antunes é professor do Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP do campus de Assis e autor de *Juó Bananére: As Cartas d'Abaix'o Piques*.



Sociedade e Literatura no Brasil. Organização de José Antonio Segatto e Ude Baldan. Editora UNESP; 221 págs.; R\$ 22,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.

Doce suor amargo

O êxodo rural, a proletarização e a marginalização do bóia-fria no interior de São Paulo

ALEJANDRO FABIAN



Errantes do Fim do Século, de Maria Aparecida de Moraes Silva. Editora UNESP; 376 págs.; R\$ 30,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.

Indignada ao constatar como os bóias-frias, pagos miseravelmente em lavouras de cana, laranja e café, são responsáveis por parte da imensa riqueza gerada pelo País no setor agrícola, a socióloga Maria Aparecida de Moraes Silva, professora da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Araraquara, defendeu sua tese de livre-docência, em 1996, justamente sobre um universo muitas vezes esquecido pela academia.

A obra, que agora ganha a forma de livro, sob o título *Errantes do Fim do Século*, é o resultado de pesquisas realizadas entre 1987 e 1990 com trabalhadores rurais em Ribeirão Preto, Interior de São Paulo. O foco principal é o estudo da modernização da agricultura implantada nessa região, uma das mais ricas do País, e suas principais conseqüências sociais, como o êxodo rural e a marginalização do trabalhador agrícola.

Ao entrevistar bóias-frias, muitos deles oriundos do Vale do Jequitinhonha, MG, a autora constatou o desgaste físico, a expropriação econômica e o preconceito que recai principalmente sobre as mulheres e os trabalhadores rurais da raça negra, que enfrentam a discriminação dos capatazes e de seus colegas de jornada.

A expropriação do Vale é tomada como paradigma porque, durante os anos 1960 e 1970, a modernização agrícola resultou na tomada de terras de boa parte do campesinato da região. Sem terra e sem trabalho, colonos, parceiros, arrendatários e pequenos proprietários começaram a formar uma força de trabalho circulante. São os bóias-frias, integrantes de um universo rural em que há patrões, contratantes e fiscais de trabalho. Há ainda, neste universo, as "meninas do descarte", responsáveis pelo reconhecimento de doenças e recuperação da planta mediante a retirada

da parte afetada (descarte) e aplicação de agrotóxicos. Como seu trabalho não é repetitivo, como o corte, recebem salários diferenciados e têm carteira assinada.

O mundo dos bóias-frias é então caracterizado pela existência de um alto controle de produtividade, qualidade do corte, medição da cana cortada e registro individual de desempenho. Médicos integram esse mundo com a função de afastar os corpos chagásicos, fracos, muito velhos e muito jovens, derivando-os para outras funções.

Ilustrado com 39 fotos, que documentam a vida nas lavouras de cana-de-açúcar e de café, a obra traz ainda depoimentos como o de Cida, que reúne em si três preconceitos: é mulher, negra e bóia-fria. Não se trata, no entanto, de caso isolado, mas sim de um entre os milhares de olhares possíveis sobre o amargo trabalho nos canaviais.

Haja fôlego!

Pesquisadores da UNESP refletem, em treze obras, sobre temas tão diversos como os rumos da universidade e a luta pela terra, o comunismo e a aviação, a memória histórica e a avaliação escolar

VESTIBULAR

Claro e certo

Textos claros, objetivos, concisos e corretos são o melhor caminho para a aprovação nos exames vestibulares. Para atingir esse nível, é necessário desenvolver estratégias de uso que evitem respostas prolixas, incompletas ou simplesmente equivocadas. Professores de ensino médio e de cursos preparatórios e os próprios vestibulandos têm agora uma ferramenta poderosa para melhorar seu desempenho nesta obra, resultado de uma pesquisa realizada com as respostas dos candidatos nas provas de Língua Portuguesa dos exames vestibulares da Vunesp de 1996 e 1997. Professor do Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, Rogério Elpidio Chociay verifica as razões de



alguns erros comuns entre os vestibulandos. "O livro procura orientar os alunos, para obter maior eficácia no discurso", diz.

Pesquisa Vunesp nº 9. Língua Portuguesa no Vestibular da UNESP: das perguntas às respostas, de Rogério Elpidio Chociay. Vunesp; 174 páginas; R\$ 8,00. Informações: (0xx11) 3873-0760.



Hélcio Toth

UNIVERSIDADE

Em busca da eficácia



A qualidade de ensino e o diálogo entre as universidades, o Estado e a sociedade são temas que preocupam a maioria dos países da América Latina. Isso motivou a organização do Congresso Internacional "Políticas de Educação Superior na América Latina no Limiar do Século XXI", em Recife, PE, que reuniria, em maio de 1997, pesquisadores de Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Uruguai e Venezuela. No entanto, dias antes do

seu início, o evento foi cancelado. Mesmo assim, como muitos participantes já tinham seus textos prontos, o educador Afrânio Mendes Catani, organizador do congresso, viabilizou a publicação desta obra, que reúne 18 pesquisadores. Entre eles, os também educadores Gustavo Luís Gutierrez e Lúcia Helena Lodi, da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, que enfocam temas como autonomia universitária e desempenho na universidade. "Cabe a todos nós transformar a atual realidade e lutar pela implementação de performances mais eficazes", diz Gutierrez.

Novas Perspectivas nas Políticas de Educação Superior na América Latina no Limiar do Século XXI – Afrânio Mendes Catani (organizador). Editora Autores Associados; 294 páginas; R\$ 25,00. Informações: (0xx19) 289-5930.



Lodi: ensino

Marlene Bégamo

POLÍTICA

Luta pela terra



Garantir juridicamente a propriedade da terra e assegurar a produção nas regiões cafeeiras era a forma que a aristocracia agrária tinha para manter o poder. Isso exigia um reordenamento das estratégias de dominação frente à presença cada vez mais acentuada do capitalismo. Seguindo esse raciocínio, a cientista política Flávia Arlanch Martins de Oliveira, da Faculdade de Filosofia e Ciências da

UNESP, câmpus de Marília, estuda a questão da propriedade da terra no município paulista de Jaú e o encaminhamento jurídico-político que

a aristocracia agrária pôs em funcionamento para assegurar o *status quo*. Após a proclamação da República, os latifundiários, segundo a pesquisadora, procuraram impor uma organização política que desse sustentação à antiga estrutura agrária e promovesse os ajustes necessários diante da entrada em cena, com o fim da escravidão, do trabalho assalariado. "Para estudar a propriedade e o proprietário da terra, fiz uma retomada histórica da região de Jaú, muito influenciada pelo impacto da lavoura comercial cafeeira", diz a autora.

Fases da Dominação da Terra (Jaú 1890-1910), de Flávia Arlanch Martins de Oliveira. UNESP/Marília/Publicações e Fapesp; 172 páginas; R\$15,00. Informações: publica@marilia.unesp.br

AVIAÇÃO



Paulo Veloso

No ar, sem glamour

Pilotos de avião não têm a vida glamourosa que muitos pensam. Eles convivem com equipamentos automatizados apoiados em poderosos sistemas de informação, mas isso não significa que trabalhem menos, pois necessitam estar sempre atentos aos painéis de controle, atividade que gera um desgaste ainda não devidamente mensurado. Na mesma área da aviação, controladores de voo trabalham com sistemas precários de informação e também vivem um estresse cotidiano, pois um erro ou

desatenção oferece grande risco aos passageiros. Esses são alguns dos temas que a cientista social Alice Itani, do Instituto de Biociências da UNESP, câmpus de Rio Claro, estuda nos seis capítulos do livro. Investiga desde as especificidades do trabalho na área de transportes até as consequências da convivência cotidiana com o risco no trabalho. "Ao dialogar com pilotos e controladores de voo, foi possível acompanhar o dia-a-dia desses profissionais", avalia Alice.

Trabalho e Saúde na Aviação: a experiência entre o invisível e o risco, de Alice Itani. Editora Hucitec/ Fapesp; 168 págs.; R\$ 15,00. Informações: (0xx11) 530-4532.



RELIGIÃO

A septuagenária Seicho-no-le



Fundada no Japão, em 1929 – há 70 anos, portanto –, por Masaharu Taniguchi, a seita Seicho-no-le, que significa "Lar do Progredir Infinito", conta hoje, no Brasil, com cerca de 2,5 milhões de adeptos, que se espalham por 86 sedes regionais. Esse universo chamou a atenção da cientista social Leila Marrach Basto de Albuquerque, do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências da UNESP, câmpus de Rio Claro, que desenvolveu sua dissertação de mestrado, na área de Sociologia da Religião, sobre a seita. "Enfoco a história, a doutrina, a organização, a estrutura de poder e as atividades da seita", diz a docente. O trabalho resultou na publicação desta obra, que mergulha na caracterização social dos adeptos da Seicho-no-le e no sentido que a doutrina tem para os brasileiros. "Isso nos leva a ver com novos olhos a expectativa de muitos acadêmicos de que a mentalidade racional e secularizada seria um complemento obrigatório do processo de modernização", diz a autora.

Seicho-no-le: agradecimento, obediência e salvação, de Leila Marrach Basto de Albuquerque. Anablume/Fapesp; 111 págs.; R\$ 12,00. Informações: (0xx11) 212-6764.

CULTURA

Endereços da arte

Mesmo que a vida numa metrópole como São Paulo seja acelerada, sempre surge um empinho para visitar um bom museu ou centro cultural. A tradicional desculpa da falta de opções ou de informações sobre endereços e horários perde a razão de ser com a publicação desta obra. Coordenada pela educadora Mirian Celeste Martins, do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da UNESP, câmpus de São Paulo, é um autêntico guia para visitar 35 museus e mais de dez centros culturais, além de galerias de arte e feiras de antiguidades da cidade. Realizada por alunos da disciplina Arte/Projetos Educacionais do curso de Educação Artística e do curso de bacharelado em Artes Plásticas de 1996 e 1997, a obra indica, com riqueza de informações, o que há de melhor para visitar em São Paulo. "O guia está tendo grande aceitação junto aos professores e coordenadores das 13ª e 16ª Delegacias de Ensino da Secretaria Estadual da Educação", conta a coordenadora.

Arte/Público: convites para encontros sensíveis na cidade de São Paulo – Mirian Celeste Martins (coordenadora). Núcleo de Ensino/98 do Instituto de Artes da UNESP; 60 págs. Informações: (011) 274-4733.



Hélcio Toth

MASP: guia de museus



COMUNISMO

O bom e velho Partidão



Com a fundação, em março de 1922, do Partido Comunista, que atendia também pela pomposa denominação de "Seção Brasileira da Internacional Comunista", as classes subalternas ganharam seu espaço para participar ativamente das lutas políticas e institucionais nacionais. Para estudar as conquistas e fracassos do Partido ao longo da sua história, o sociólogo Antonio Carlos Mazzeo, da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, escreveu este livro. Inicialmente, o autor aprofunda os aspectos teórico-políticos que caracterizaram a ideologia do PCB. Na segunda parte da obra, estuda o contexto político da ação do Partido de 1975 a 1985, analisa o referencial teórico dos seus associados, construído a partir de 1958, e reflete sobre o que pode acontecer no PCB no futuro. "Ainda há um sopro de vida no velho Partidão, que, muitas vezes, como uma Fênix Vermelha, renasceu das cinzas, como ocorreu após a grande

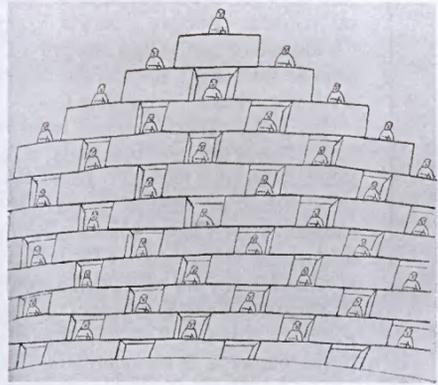
crise de 1992, com a queda do Muro de Berlim e da velha e carcomida burocracia soviética."

Sinfonia Inacabada: a política dos comunistas no Brasil, de Antonio Carlos Mazzeo. Unesp Marília Publicações e Boitempo Editorial; 204 páginas; R\$ 20,00. Informações: (0xx14) 421-1203 ou (0xx11) 3865-6947.



Fundadores do PC

EDUCAÇÃO



Somos todos iguais

Liberdade, igualdade, tolerância e solidariedade. A complexa relação entre esses termos, muito citados mas pouco praticados, é o tema do cientista social Vinício Carrilho Martinez, pesquisador do Grupo de Pesquisa Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania, da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, em sua mais recente obra. Nela, ele

ressalta o princípio de Marx, segundo o qual "a cada um deve ser dado de acordo com sua necessidade e de cada um deve ser esperado/cobrado de acordo com sua capacidade". O autor aponta que, a partir da noção mínima de que todos são iguais perante a lei, toda forma de desigualdade será criminosa. O livro leva a refletir sobre práticas, métodos e conteúdos novos e alternativos que fortaleçam a justiça. "Esta se constrói pelo diálogo, respeito mútuo e um mínimo de sociabilidade, princípios da tolerância", conclui Martinez.

Violência, Tolerância e Educação, de Vinício Carrilho Martinez. Coleção Videtur, Editora Mandruvá e Centro de Estudos Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; 58 páginas; R\$15,00. Informações: (0xx11) 870-3171.

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Primeiros passos na pesquisa

Expectativas e sugestões de usuários de clínicas de fonoaudiologia, as transformações nos estudos de administração escolar, o papel e a importância da linguagem no desenvolvimento infantil, o trabalho pedagógico em creches, as representações sociais do homem do campo em relação à Aids e análise de embalagens de xampu são alguns dos temas enfocados nesta revista, que reúne artigos resultantes de pesquisas desenvolvidas pelos alunos da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília. "Os artigos consolidam a participação do corpo discente nas atividades científicas da Unidade e apontam que a comunidade acadêmica da FFC está no caminho certo, pois o contexto que cerca nossa atividade de pesquisa está refletido neste livro", diz o psicólogo Kester Carrara, presidente da Comissão de Pesquisa da FFC e prefaciador da obra.

Revista de Iniciação Científica da FFC – Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília; volume 2, n. 1, 1999; 130 páginas; R\$ 8,00. Informações: publica@marilia.unesp.br



Hélio Toth

AMÉRICA LATINA

Lutas populares

A modernização das sociedades da América Latina gerou numerosas consequências, que vão desde a reestruturação econômica até os diversos processos de reajuste, via planos, pacotes ou trocas de moeda. A sociedade não assiste passiva a essas alterações dos rumos nacionais. Neste livro, organizado pela historiadora Margarita López Maya, da Universidade Central de Venezuela, pesquisadores de Argentina, Brasil, Colômbia, Guatemala, México, República Dominicana e Venezuela oferecem uma perspectiva das lutas populares em seus respectivos países. O geógrafo Bernardo Manganho Fernandes, do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, câmpus de Presidente Prudente, representa o Brasil na coletânea com o texto "A territorialização do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra no Brasil (MST)". "A tecnologia, no campo e na cidade, tem a necessidade urgente de realizar uma reforma agrária", diz o docente.

Lucha Popular, Democracia, Neoliberalismo: protesta popular en América Latina en los años de ajuste – Margarita López Maya (organizadora). Editorial Nueva Sociedad; 256 págs.; R\$ 25,00. Informações: (0xx11) 280-7992.



HISTÓRIA

Esquecer, jamais

Preservar e divulgar fontes históricas é um dos principais objetivos da vida acadêmica da pedagoga Maria Aparecida dos Santos Rocha, professora de História da Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília. Este livro apresenta um universo de fontes manuscritas e impressas que fornecem dados essenciais para pesquisadores e estudiosos no campo do ensino das escolas normais paulistas. Apresenta ainda uma entrevista com Noemia Veiga de Barros, ex-aluna da Escola Normal Secundária da Capital, entre 1900 e 1913, e bibliografia básica sobre o ensino normal. "Pesquisando esse material, escrevi sobre diversos temas, como educação feminina e de deficientes mentais, influência do positivismo na educação e a vida e a obra de Antônio Caetano de Campos e Francisco Rangel Pestana, além de proceder a outros inventários de fontes", relata a docente.

Ensino Normal em São Paulo (1846-1963): inventário de fontes, de Maria Aparecida dos Santos Rocha. Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, e Faculdade de Educação da Unicamp; 160 págs.; R\$ 10,00.



PEDAGOGIA

Avaliação em debate

Medir e avaliar a aprendizagem dos alunos sempre foi uma preocupação dos educadores. Hoje, quando a clientela passa a ser mais e mais carente e numerosa, a tarefa ganha em complexidade e o desempenho e a avaliação precisam ser redimensionados. "Necessitam ser vistos sob os aspectos psicológico, social e político", diz a pedagoga Hélia Sônia Raphael, do Departamento de Administração e Supervisão Escolar do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília. Neste livro, a docente estuda a avaliação escolar pela perspectiva do professor, discutindo práticas tradicionais como provas e trabalhos em grupo. A obra é resultado de pesquisa das atividades em sala de aula realizadas durante um ano em duas escolas públicas de Marília. "Proponho atividades como auto-avaliação e participação dos colegas de classe nas avaliações", conclui.

Avaliação Escolar: em busca de sua compreensão, de Hélia Sônia Raphael. Editora Brasiliense; 172 páginas; R\$ 26,70. Informações: (0xx11) 6942-0545.



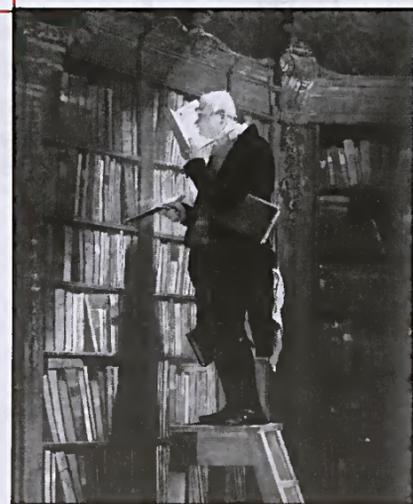
CIÊNCIAS HUMANAS

Admirável mundo novo

Com o aumento do número de informações que circulam pelos mais variados meios, as ciências humanas enfrentam o desafio de dar respostas qualitativas em termos de métodos e de perspectivas para o próximo milênio. Nesta coletânea, publicada pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília, é possível encontrar textos de especialistas nacionais e estrangeiros sobre o tema. Entre eles, o de Suzana Pinheiro Machado Mueller, da Universidade de Brasília, que enfoca especificamente o ensino de biblioteconomia no Brasil. Também merecem destaque os ensaios de Glória Ponjuan, diretora do Centro de Estudos y Desarrollo



Profesional en Ciencias de la Información, de Havana, Cuba; e Mario Guido Barite, da Universidad de la República, Montevideo, Uruguai. O volume reúne ainda artigos de profissionais de Portugal e Peru, além de professores da FFC, como a educadora Sonia Marrach, da FFC, autora de "O Intelectual e o Espetáculo". "Análise o trabalho intelectual na universidade moderna e no contexto da sociedade global", diz. **Cadernos da FFC – Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília. Volume 7, n. 1/2, 1998; 210 páginas; R\$ 10,00.**



O rato de biblioteca, de Carl Spitzweg

São Paulo no século XXI

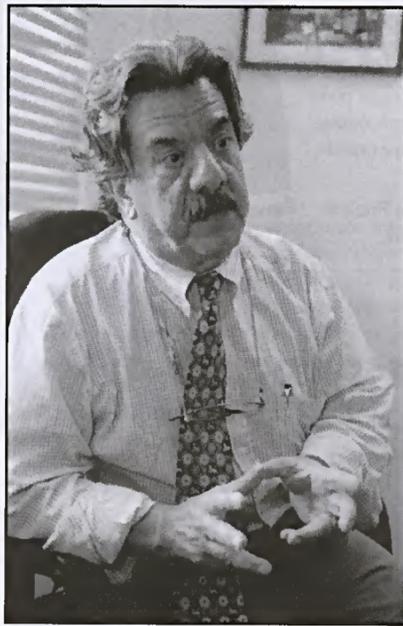
Assembléia Legislativa cria fórum para inventariar os problemas do Estado

Qual o futuro de São Paulo? Afinal, que Estado desejamos criar? Com essas duas perguntas em mente, o Fórum São Paulo – Século XXI foi criado pela Assembléia Legislativa do Estado, em maio último. Sob o slogan “No próximo milênio, um Estado de São Paulo justo, desenvolvido e humanizado”, pretende inventariar os problemas estaduais e montar uma programação de ações concretas. “Para isso, estamos reunindo representantes de várias organizações e pessoas que possam contribuir para traçar um plano de desenvolvimento para o Estado”, diz o deputado estadual Vanderlei Macris, presidente da Assembléia Legislativa.

A UNESP participa do Conselho do Fórum por meio do reitor Antonio Manoel dos Santos Silva, que, ao lado de 61 notáveis do Estado, será responsável por zelar pela contínua observância, em cada uma das 16 comissões temáticas, dos princípios de respeito à cidadania e ao ser humano que orientarão os trabalhos durante o ano 2000. “O grande desafio do século XXI é transformar pessoas em cidadãos”, diz o sociólogo Antonio Carlos Bernardo, assessor especial da UNESP para assuntos políticos, que integra a comissão de Ciência, Tecnologia e Comunicações. “Uma de nossas pautas é o estudo da contribuição das universidades públicas estaduais, institutos de pesquisa e agências de fomento para o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.”

SISTEMA EDUCACIONAL

O Fórum vai desenvolver propostas para a condução política e administrativa do Estado. Cada grupo temático discutirá projetos, que serão apresentados em de-



Fotos Hélio Toth

DESAFIO

Bernardo: pessoas em cidadãos

zembro do ano 2000. No conselho sobre Educação, a UNESP está presente com a pró-reitora de graduação, Maria Aparecida Viggiani Bicudo. O ex-reitor da UNESP, Jorge Nagle, representa, no Fórum, o Conselho Nacional de Educação. “A prioridade é estabelecer objetivos no prazo de cinco anos, ou seja, que ultrapassem o período de um governo estadual”, diz a pró-reitora. O grupo sobre Educação tem como prioridade estabelecer um processo participativo na reconstrução do Sistema Educacional, com a formulação, aprovação e implementação de um Plano Estadual para a



META

Maria Bicudo: prazo de cinco anos

Educação. “A meta é estabelecer um projeto para o Estado, não apenas especificamente na área escolar, mas que inclua ainda a formação do cidadão como um todo”, afirma Maria Bicudo.

O desenvolvimento dos projetos será a médio e longo prazos. “O principal objetivo é pensar o Estado de São Paulo para as primeiras décadas do próximo século”, explica, por sua vez, o cientista social Tullo Vigevani, da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, que, ao lado da socióloga Leila de Menezes Stein, da Faculdade de Ciências e Letras da

UNESP, câmpus de Araraquara, integra a comissão responsável pelo grupo temático sobre Cidadania.

DIREITOS HUMANOS

O grupo temático sobre Cidadania buscará justamente assegurar o direito à cidadania para todos, independentemente de classe social, raça, credo ou idade. “O perfil do Estado está mudando. Nos próximos anos, por exemplo, a população infantil tende a diminuir e a de idosos, a aumentar. Isso deve ser levado em conta ao se elaborar políticas públicas”, analisa Vigevani. “A intenção é que se faça cumprir a Constituição do Estado, no que diz respeito a direitos humanos”, completa Leila.

No grupo temático sobre Indústria, a UNESP está representada pela geógrafa Sílvia Selingardi Sampaio, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), câmpus de Rio Claro. “Vamos partir de um diagnóstico da situação do setor industrial no Estado para um prognóstico, delineando diretrizes a serem seguidas”, afirma. A geógrafa Silvana Pintaudi, também do IGCE, participa de um outro grupo temático: o de “Habitação e Desenvolvimento Urbano”. “Não se pode chegar ao desenvolvimento econômico se não houver desenvolvimento social. Nosso objetivo é buscar melhor qualidade de vida não só na Capital, mas também nas cidades grandes, médias e pequenas do Interior”, afirma.

A temática dos grupos é ampla e as discussões serão intensificadas por meio de debates que envolvam todas as regiões do Estado, seja ao vivo ou por meio de teleconferências. “Já deixei a estrutura da UNESP à disposição para que encontros e reuniões sejam realizados”, afirma Vigevani.

NOMEAÇÃO

Um médico no Conselho

Diretor da Faculdade de Medicina da UNESP ocupa vice-presidência do Conselho Superior da Fapesp

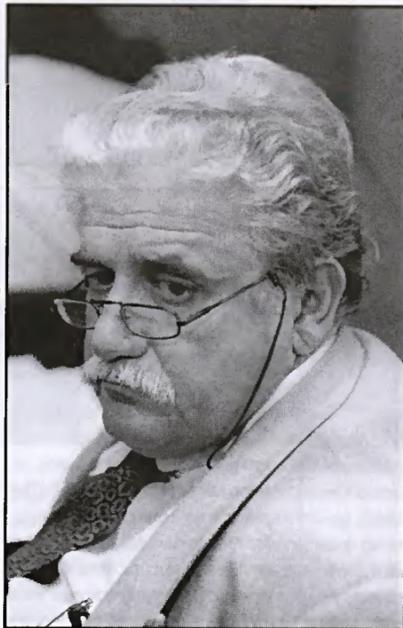
ELEITO

Machado: novos produtos e melhor tecnologia

Com o compromisso de buscar uma excelência cada vez maior na aplicação dos recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o médico Paulo Eduardo de Abreu Machado, diretor da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu, foi nomeado para a vice-presidência do Conselho Superior da entidade. “Nos próximos anos, vamos continuar nossa atual política de desenvolvimento no Estado de São Paulo, gerando novos produtos e melhor tecnologia”, afirma.

CONTRIBUIÇÃO

Machado foi eleito pelos 12 integrantes do Conselho Superior da Fapesp e confirmado no cargo pelo governador Mário Covas, que também sancionou a segunda recondução do físico e engenhei-



Monico Richier

ro eletrônico José Fernando Perez à diretoria científica da entidade. “Minha nomeação comprova como a UNESP pode contribuir para um desempenho ainda melhor da Fapesp”, comenta o médico.

Entre as múltiplas realizações da Fapesp, Machado destaca a importância dos projetos Genoma e de Políticas Públicas da entidade, ressaltando que ambos mostram o potencial de São Paulo no desenvolvimento de sua capacidade intelectual. “É essencial dar continuidade ao trabalho da Fapesp de gerenciar os investimentos estaduais em projetos de pesquisa e desenvolvimento.”

POSSE

Nova diretoria em Assis

Relações de trabalho otimizadas e aproximação entre o câmpus e a cidade são prioridades

Empreender um diagnóstico organizacional, com a assessoria dos docentes da área de Psicologia do Trabalho, com o objetivo de otimizar as relações de trabalho dos vários departamentos e seções do câmpus. Com essa meta, o físico João da Costa Chaves Junior tomou posse, no dia 29 de novembro passado, como novo diretor da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis. Chaves Junior substituiu Antônio Quelce Salgado. O professor de literatura Odil José de Oliveira Filho assumiu a vice-diretoria no lugar de Raquel Lazzarini de Oliveira Filho.

Chaves Junior também pretende promover uma maior aproximação entre o câmpus e a cidade de Assis, por meio de projetos de extensão. “O potencial da extensão ainda não foi inteiramente explorado”, justifica o novo diretor. “Queremos que a UNESP tenha uma atuação marcante na cidade.” Chaves Junior promete ainda dar apoio e autonomia à pós-graduação e condições para que a iniciação científica se desenvolva em toda sua plenitude. Incentivar as pesquisas e dar maior atenção à área cultural são outras metas da nova administração.



Hélio Toth

CERIMÔNIA

O vice Oliveira Filho, Salgado e o diretor Chaves Júnior

3 x 4

João da Costa Chaves Junior nasceu em Botucatu, há 45 anos. É casado e tem dois filhos. Graduiu-se em Física em 1978, pela USP, onde também fez o mestrado e o doutorado. Ingressou na UNESP em 1990, como professor de Física Geral e Biofísica, no então recém-criado curso de Ciências Biológicas. Atualmente, Chaves Junior é professor dessa disciplina no Departamento de Ciências Biológicas da FCL de Assis.



MÚSICA SACRA

Inspiração divina

Coral e orquestra lançam CD com composições dos séculos XVIII e XIX

Boa parte da música sacra interpretada nas igrejas e nas procissões realizadas em todo o Estado de São Paulo, nos últimos 300 anos, ainda permanece envolta em mistério. No entanto, a pesquisa e as tentativas de difusão dessas preciosidades não param. Prova desse esforço é o lançamento do CD *Música na Catedral de São Paulo* (Gravadora Paulus; R\$ 15,80), interpretado pelo Brasilessentia Grupo Vocal e pela Orquestra de Câmara da UNESP. "Reunimos no disco onze obras, todas inéditas, dos séculos XVIII e XIX", diz Vitor Gabriel, docente do Instituto de Artes (IA) da UNESP, câmpus de São Paulo, regente do coral e diretor artístico da gravação.

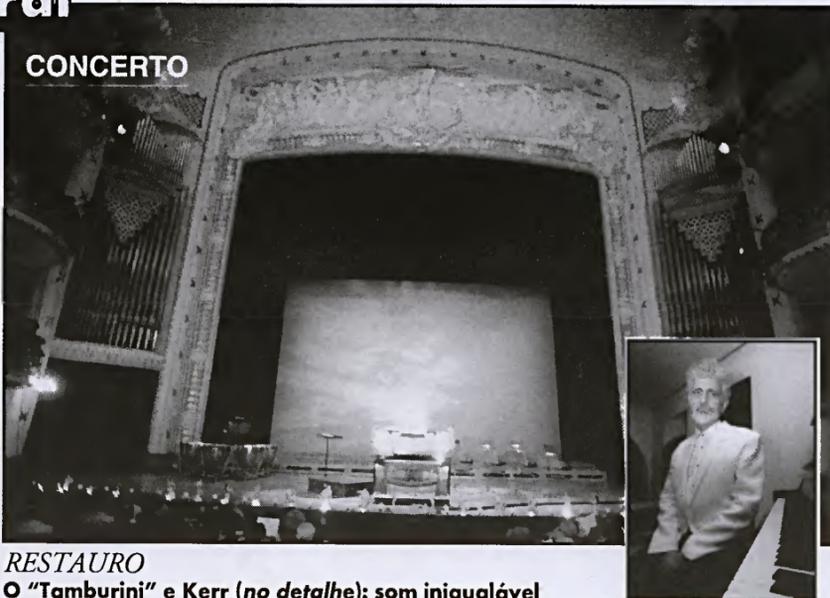
Resultado de uma pesquisa de quase três anos no acervo de música do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, o CD foi lançado num concerto, em dezembro, na Igreja de Santo Inácio de Loyola, em São Paulo. "Ao lado do musicólogo Paulo Castagna, meu colega no IA, e de alunos do curso de Música, organizamos e catalogamos os manuscritos de 450 obras dos séculos XVIII e XIX, que estavam empacotados em 16 volumes", conta. "O próximo passo é organizar as cerca de 300 obras do Arquivo compostas no século XX."

IMAGEM DE CRISTO

Do repertório do CD, Gabriel destaca duas obras: *Música para Verônica*, do compositor paulista Antônio José de Almeida (1816-1876), que foi mestre de capela da catedral de São Paulo no século XIX; e *Dixit Dominus*, do compositor português do século XVIII José Alves. "A primeira é uma melodia vocal para solista, que era cantada ao ar livre, sem acompanhamento, enquanto o intérprete segurava a imagem de Cristo, chamada verônica, 'verdadeira imagem', em grego", explica o maestro. "A obra de Alves foi escrita para oito vozes, no estilo da música veneziana do século XVII, e é provável que ainda não tenha sido cantada em São Paulo."

Ao final do concerto, o Brasilessentia, o maestro Vitor Gabriel e o diretor artístico da Orquestra de Câmara da UNESP, Ayrton Pinto, também docente do IA, receberam, do Governo do Estado de São Paulo, o título de Defensor de Bens Culturais, destinado àqueles que contribuem para a preservação e a difusão da cultura paulista. "É um incentivo para novas pesquisas sobre a obra de compositores sacros da região do Vale do Paraíba, um tema apaixonante e ainda pouco estudado", agradeceu Gabriel.

CONCERTO



RESTAURO

O "Tamburini" e Kerr (no detalhe): som inigualável

De volta à cidade

Espetáculos devolvem a São Paulo órgão do Teatro Municipal

Valeu a pena esperar. Após sete meses de restauração, o Grande Órgão de Tubos G. Tamburini do Teatro Municipal de São Paulo voltou a soar. Seu som inigualável pôde ser ouvido, em dezembro último, em dois concertos regidos pelo maestro Samuel Kerr, do Departamento de Música do Instituto de Artes (IA) da UNESP, câmpus de São Paulo. "Esse instrumento pertence à cidade. É um orgulho ouvi-lo novamente com cerca de 80% de sua capacidade total", diz.

Construído e instalado no Teatro em 1968, o instrumento, de origem italiana, é formado por uma mesa com quatro teclados manuais e uma pedaleira, além de 11 foles e 6 044 tubos, colocados dos dois lados do palco. "É o terceiro maior órgão do Brasil, atrás apenas dos da Catedral da Sé e do de Santa Rosa, em Niterói", diz Kerr.

O investimento para a restauração do instrumento, avaliado em R\$ 6 milhões, foi de R\$ 277,5 mil. "Ele nunca havia passado por uma reforma, e os foles, por exemplo, feitos de pele de carneiro, estavam corroídos por produtos de dedetização", informa Marcelo Romoff, superintendente da Associação dos Patronos do Teatro Municipal, entidade responsável pela reforma, conseguida graças ao apoio financeiro do Deutsche Bank. "Com as goteiras do teatro, a

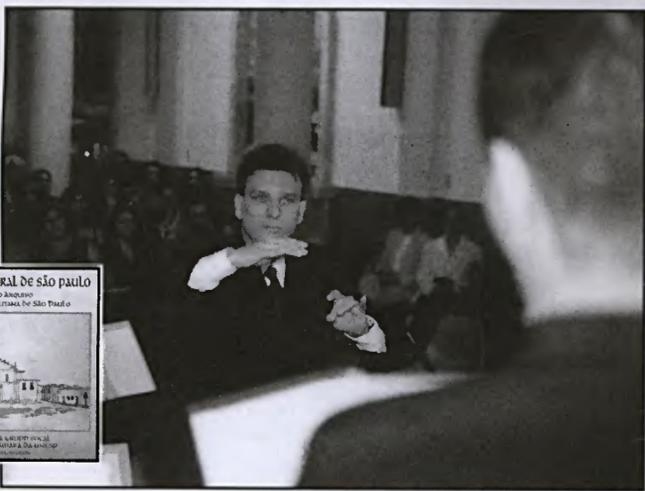
poeira ácida do centro da cidade e os danos produzidos por cupins, o órgão estava com apenas 20% de sua capacidade sonora", avalia o mestre organeiro Ricardo Clerice, responsável pelo restauro.

OBRA INÉDITA

Os dois concertos contaram com a Orquestra Sinfônica de São Paulo e o Coral Paulistano, regidos pelo maestro Samuel Kerr, além da participação do organista alemão Martin Sander e da direção cênica de Naum Alves de Souza. "Executamos um repertório variado, que inclui desde uma obra inédita, especialmente escrita para a ocasião pelo compositor paulista Gualteri Beloni Filho, até a *Fuga em Ré Menor* de Bach, que é sinônimo do instrumento", diz o maestro.

Kerr, que leciona Regência e Regência Coral, regeu ainda, nos dois espetáculos, obras de Charles Marie Widor, Zoltán Kodály e George Friedrich Haendel. "Como comecei minha carreira como organista, foi gratificante trabalhar com melodias que conheço como maestro e também como instrumentista", declarou. "O mais importante é ver o órgão recuperado, pronto para ser desfrutado pelo público, que está mais habituado a encontrar o instrumento nas igrejas, meio escondido atrás do coro. No Municipal, ele tem todo o destaque que merece."

CONCERTO Gabriel rege o Brasilessentia: 450 obras



AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS PELAS UNIDADES NO MÊS DE FEVEREIRO

ARAÇATUBA

- 10/02. Último dia de inscrição para o Curso de especialização em Endodontia a ser realizado de março de 2000 a fevereiro de 2001. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações: (0xx18) 620-3253.
- Fevereiro. Período de inscrição para o Curso de Difusão Cultural em Dentística Restauradora a ser realizado de março a dezembro de 2000. Na FO. Informações: (0xx18) 620-3253.
- 11/02. Último dia de inscrição para o II Curso Avançado de Cirurgia Parendodôntica a ser realizado de março a dezembro de 2000. Na FO. Informações: (0xx18) 620-3253.
- Fevereiro. Período de inscrição para o Curso de Difusão Cultural em Endodontia a ser realizado de março a dezembro de 2000. Na FO. Informações: (0xx18) 620-3253.

ARARAQUARA

- 5/02 a 16/12. Curso de especialização em Teoria e Crítica da Literatura: Fundamentos da Leitura Crítica da Literatura. Na Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações: (0xx16) 232-0444, ramal 157.
- 9 a 16/2. Curso: Metrologia em Química como Ferramenta para a Qualidade Total que faz parte do Programa Química Integradas do Estado de São Paulo, que envolve UNESP,

USP, Unicamp e UFSCar, No Instituto de Química (IQ). Informações: (0xx16) 201-6682.

BAURU

- 1º a 3/02. Período de inscrições para transferência de alunos de outras instituições de ensino superior para cursos de graduação em Psicologia, área de Biológicas (licenciatura em Ciências Biológicas), licenciatura em Física e Matemática, e bacharelado em Ciência da Computação e Sistemas e Informação. Das 9h às 11h e das 14h às 17h. Na Seção de Graduação da Faculdade de Ciências (FC). Informações pelo telefone (0xx14) 221-6070, ramal 112; ou na home page <http://www.bauru.unesp.br/acontece/transferencia.htm>

BOTUCATU

- 12/02. Curso: Cultivo de Cogumelos *Agaricus sp* (champiñon) e *Pleurotus sp* (shimeji). Às 8h. Na Fazenda Lageado da Faculdade de Ciências Agrômicas (FCA). Informações: (0xx14) 821-7575.
- 13/02. Curso: Cultivo de Cogumelos *Lentinula edodes* (shitake) e *Pleurotus sp* (shimeji). Às 8h. Na Fazenda Lageado da FCA. Informações: (0xx14) 821-7575.
- 17 e 18/02. Treinamento "Formação e Integração". Docentes e funcionários da FCA oferecerão um programa de motivação e qualidade no trabalho. Coordenação de Adriana Josefa Ferreira Chaves, vice-diretora da Faculdade de Ciências

da UNESP, câmpus de Bauru. Na FCA. Informações: (0xx14) 821-7575.

GUARATINGUETÁ

- 2 a 4/02. Debates sobre o Papel do Educador no Século XXI. Na Sala da Congregação do câmpus de Guaratinguetá. Informações: (0xx12) 525-2800.
- 07 a 11/02. Semana de Integração. Na programação, atividades esportivas, culturais e recreativas. No Anfiteatro II da Faculdade de Engenharia (FE). Informações: (0xx12) 525-2800.

S. J. CAMPOS

- 4/02. Último dia de inscrição para o Curso de atualização: Ortodontia Corretiva que terá início em 8 de fevereiro. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações: (0xx12) 321-8166, ramal 1301.

Atenção, unidades:

- Prazo para envio de informações para a Agenda:
- edição de março, 15/2
 - edição de abril, 15/3
 - edição de maio, 13/4

CONCURSO

Cinco séculos te contemplam

Certame marca os 500 anos do Descobrimento

A UNESP não deixará passar em branco os 500 anos do Brasil, a serem comemorados em abril próximo. Para celebrar a data, a Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex) está organizando o "Concurso de Textos - Leituras do Brasil". O objetivo é mobilizar visões e reflexões da comunidade unespiana sobre o País. Os melhores textos, escolhidos por uma comissão ligada ao Programa de Atividades Culturais (Pac), integrarão um livro a ser lançado pela Universidade. "Será desejável que os textos representem, no seu conjunto, o que a Universidade tem a dizer sobre o Brasil após estes 500 anos", informa *release* redigido pela comissão, formada pelos docentes Rogério Elpídio Chociay, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Iblice), câmpus de São José do Rio Preto; Benedito Antunes, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), de Assis; e Ude Baldan, da FCL, de Araraquara.

Poderão participar do concurso docentes, discentes e servidores da UNESP com os mais variados tipos de texto, desde que focalizem o tema proposto e que possam ser acolhidos na forma de livro. Isso inclui poemas, contos, crônicas, ensaios, monólogos, canções, fotografias, textos de teatro, desenhos, pinturas, caricaturas, cartuns e histórias em quadrinhos, além de criações que integrem diferentes códigos ou discursos. "Vejo essa iniciativa com entusiasmo, e colocarei os recursos materiais e humanos da Proex à disposição, para que ela seja um sucesso", diz o pró-reitor Edmundo José de Lucca.





O VENCEDOR
Trabalho de Fernando Barbugiani, quartanista de Direito: o 1º colocado

2º LUGAR
O cartum de Danilo Minorello, da FAAC, câmpus de Bauru: não à violência



MUITO RISO, MUITO SISO

Exposição de cartuns e frases premiados na campanha **Trote Nunca Mais!** faz rir e pensar em estações do metrô, na Reitoria e nas unidades da UNESP

Uma exposição com as melhores charges e frases, aberta oficialmente no dia 2 de fevereiro último, na Estação Vila Madalena do Metrô, foi o ponto alto da campanha **Trote Nunca Mais!**, promovida pela Assessoria de Comunicação e Imprensa e pela Pró-Reitoria de Extensão da UNESP, em colaboração com a União Estadual dos Estudantes (UEE). A exposição estará ainda na Estação Tatuapé (em ambas, até o dia 28 de fevereiro) e, a partir do dia 7 deste mês, em todas as unidades e na Reitoria da Universidade. Ela também pode ser vista pela Internet, no endereço <http://www.unesp.br/trotenuncamais>.

Além das cinco melhores charges e das cinco melhores frases de alunos vencedores do concurso, estarão na exposição 11 charges de 10 cartunistas conhecidos, entre os quais Laerte, Spacca e Jean, e 20 frases de personalidades como a atriz Fernanda Montenegro, o escritor Ignácio de Loyola Brandão, o sindicalista Vicentinho, o presidente da Fiesp, Horácio Lafer Piva, o goleiro Dida, a jogadora de basquete Paula e o cantor Lobão. Além disso, serão mostrados 15 relatos de trotes violentos, retirados das páginas dos jornais.

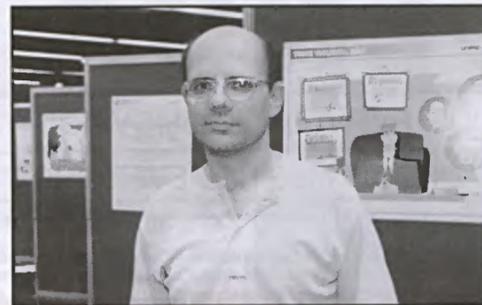
Recorreu-se ao humor por causa da contumácia que só ele teria, para mostrar o

absurdo que é a violência de alunos contra alunos. Decisão que, baseada nos resultados da campanha **Trote Nunca Mais!**, mostrou-se mais do que acertada. "O humor é a melhor forma de se lidar com temas difíceis", garante o chargista Jal, presidente da Associação dos Cartunistas do Brasil e um dos participantes da exposição. "Em algumas situações, o humor conscientiza melhor do que outras formas de expressão." Além disso, Jal vê outra vantagem numa campanha feita com base no humor. "É o tipo de coisa que repercute bastante na mídia", explica. "O humor tem uma forma rápida de comunicação."

Apesar de ver com certa desconfiança o

humor edificante, atrelado a uma causa, o cartunista Laerte, da *Folha de S. Paulo*, criador das tirinhas Piratas do Tietê, resolveu participar por causa dos objetivos. "Fazer 'humor a favor' é sempre meio complicado, mas nesse caso o mote é tão interessante que vale a pena", diz.

Já para Spacca, há dois tipos de humor: o que é puro entretenimento e o que é, apesar da contradição, mais sério. "Esse humor nasce da revolta, da indignação", explica. "Não há intenção de apenas brincar, mas de marcar posição, de interferir na realidade. É o caso dessa campanha da UNESP, contra a violência e a favor da confraternização."



COISA SÉRIA
Spacca e seu trabalho (à esq.): entretenimento e reflexão



HUMOR NEGRO
Newton Foot: brincadeira pode acabar mal



AGORA É LEI
Pelicano: violência atrás das grades